

Sara Vanessa Pinho Vieira

**Os Recursos Tecnológicos como
uma Realidade Filtrada e o seu
impacto na Atenção e Motivação
em alunos do 1ºCEB no Ensino
e Aprendizagem do Inglês**

MESTRADO EM ENSINO DO INGLÊS NO 1º
CICLO DO ENSINO BÁSICO

Sara Vanessa Pinho Vieira

**Os Recursos Tecnológicos como
uma Realidade Filtrada e o seu
impacto na Atenção e Motivação
em alunos do 1ºCEB no Ensino
e Aprendizagem do Inglês**

Projeto submetido para obtenção do grau de
MESTRE EM ENSINO DO INGLÊS NO 1º CEB

Orientação

Prof. Doutora Sofia Maria Cruz de Melo Araújo

MESTRADO EM ENSINO DO INGLÊS NO 1º CICLO
DO ENSINO BÁSICO

20

AGRADECIMENTOS

À professora Sofia Araújo, pela motivação constante e pelo acompanhamento e orientação que ofereceu e que se tornou vital para a realização deste relatório final.

À professora Teresa Maia, pela persistência em me tornar numa professora cada vez melhor e mais consciente.

Aos meus alunos, que tive o prazer de ensinar durante estes meses, graças a eles consegui construir este relatório e dar-lhe mais sentido.

Ao professor Bernardo Canha, por estar sempre presente para questões e problemas e me preparar devidamente para esta etapa.

Aos meus pais e à minha irmã por terem sido uma grande ajuda durante este momento importante da minha vida e por me inspirarem a ser sempre melhor. e a atingir os meus objetivos por mais difíceis.

À minha afilhada Leonor, por ter sido a inspiração principal para iniciar este estudo de caso e por consolidar o meu amor pelas crianças.

Ao meu namorado, por me conseguir aturar nos momentos mais difíceis desta etapa e ter o dom da palavra quando mais precisei.

E por fim, mas não menos importante, à minha colega de estágio Maria João Azevedo, por ser a minha companheira de viagem durante todo processo, por ter passado os momentos difíceis ao meu lado e por ser sempre uma grande amiga que levo para toda a vida.

Resumo

A utilização dos recursos tecnológicos dentro da sala de aula surge como uma ligação neste projeto entre a aprendizagem de uma Língua Estrangeira e as novas formas de ensino-aprendizagem.

A partir da utilização dos recursos tecnológicos o docente pode centrar o ensino-aprendizagem no aluno, permanecendo sempre como um orientador vital e indispensável ao ensino-aprendizagem. Para além disto, os recursos tecnológicos, nomeadamente os vídeos, podem e devem, na minha perspetiva, ser utilizados como uma realidade filtrada. Ou seja, os vídeos devem ser realistas ou que representem a realidade para que a aprendizagem dos alunos seja aplicada ao mundo real. Embora os vídeos sejam realistas ou representem a realidade, estes têm uma espécie de filtro, assim surge o nome realidade filtrada, pois o vídeo pode ser selecionado, cortado, prolongado, entre outros, de forma a destacar determinadas partes do mesmo e ignorar outras, algo que não acontece no mundo real e que pode perturbar a aprendizagem dos alunos: ou seja, quase uma seleção da informação importante e vital e uma exclusão da informação errada e desnecessária. Para além desta vantagem, os recursos tecnológicos, nomeadamente os vídeos, têm características vitais para a aprendizagem de uma LE, neste caso o Inglês, especialmente na atenção, na motivação e na memória dos alunos.

Mas como tudo isto se configura? E quais são os entraves? Será assim tão fácil integrar estes recursos no ensino atual? E serão assim tantas as vantagens desta integração na aprendizagem de uma LE. A partir deste estudo explorei estas questões e muitas outras e coloquei algumas teorias à prova durante a (PES)- Prática de Ensino Supervisionada.

Palavras-chave: Recursos Tecnológicos; Realidade Filtrada; Motivação; Atenção; Memória

Abstract

The use of technological resources within the classroom emerges as a link in this project between the learning of a Foreign Language and the new forms of teaching-learning.

From the use of technological resources, the teacher can center the teaching-learning on the student, always remaining as a vital and indispensable guide to teaching-learning. However, technological resources, namely videos, can and should, in my opinion, be used as a filtered reality. In other words, the videos must be realistic or represent reality so that the student-learning can be applied to the real world. Even though these videos are realistic or represent the real world, they have some sort of filter, thus the name filtered reality, because the video can be selected, cut, extended, among others, in order to enhance certain parts of it and ignore others, which is something that does not happen in the real world and that can disturb students' learning, it is a selection of important and vital information and an exclusion of wrong and unnecessary information. Moreover, technological resources, namely, videos have vital characteristics for the learning of a Foreign Language, in this case English, especially in the attention, motivation and memory of the students.

But how can this happen? And what are the setbacks? Is it really that easy to integrate these resources into today's education? Will there be as many advantages of this integration in the learning of a Foreign Language?

For this study I explored these questions and many others and put some theories to the test during my (PES) - Supervised Teaching Practice.

Keywords: Technological Resources; Motivation; Filtered Reality; Attention; Memory

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
--------------------	---

PARTE I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2. Ensino e Aprendizagem no 1ºCEB em Portugal - o caso da Língua Estrangeira.....	4
2.1. A possível integração da Educação Tecnológica no Currículo Educacional.....	9
2.1.1. As Vantagens para os alunos e para os professores.....	10
2.1.2. As Desvantagens para os alunos e para os professores.....	16
3. Como aprende a criança.....	18
3.1. Aprendizagem de uma Língua Estrangeira.....	18
3.2. A Motivação e a Memória.....	21
3.3. A capacidade de Atenção.....	24
4.O Vídeo como Recurso Tecnológico	30

PARTE II - CASOS PRÁTICOS

5. Contexto de Investigação.....	34
5.1. Problemática e Questões Iniciais.....	34
5.2. Abordagem Metodológica.....	36
6. Prática de Ensino Supervisionada.....	38
6.1. Caracterização do meio da escola.....	38
6.2. Caracterização do espaço escolar.....	39
6.3. Caracterização da turma.....	41
6.4. Recolha e análise de dados.....	43
7. Atividades realizadas no âmbito do estudo de interesse.....	60

7.1 Aula 1.....	61
7.2. Aula 2.....	62
7.3. Aula 3.....	64
8. Discussão de Resultados.....	66
Considerações Finais.....	69
Referências Bibliográficas.....	73
Anexos.....	77

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – gráfico sobre os agregados domésticos privados com ligação à Internet.....	77
Anexo 2 – gráfico sobre a utilização da Internet por sexo.....	77
Anexo 3 – figura da Pirâmide de Maslow.....	78
Anexo 4 – gráfico representante das atividades produzidas (5/11/19).....	78
Anexo 5 – gráfico representante das atividades produzidas (8/11/19).....	79
Anexo 6 – gráfico de avaliação diagnóstica 1º período.....	80
A. Compreensão Oral	
B. Expressão Oral	
C. Compreensão Escrita	
D. Expressão Escrita	
E. Aplicação de Conhecimentos	
Anexo 7 – gráfico de avaliação diagnóstica 2º período.....	82
A. Compreensão Oral	
B. Expressão Oral	
C. Compreensão Escrita	
D. Expressão Escrita	
E. Aplicação de Conhecimentos	
Anexo 8 – respostas dos alunos ao questionário.....	84
A. Respostas perante a afirmação nº1	
B. Respostas perante a afirmação nº2	
C. Respostas perante a afirmação nº3	
D. Respostas perante a afirmação nº4	
E. Respostas perante a afirmação nº5	
F. Respostas perante a afirmação nº6	
G. Respostas perante a afirmação nº7	
H. Respostas perante a afirmação nº8	
I. Respostas perante a afirmação nº9	

J. Respostas perante a afirmação nº10

Anexo 9 – ficha de atividades (5/11/19).....	88
Anexo 10 – ficha de atividades (8/11/19).....	91
Anexo 11 – grelha de observação nº1.....	94
Anexo 12 – grelha de observação nº2.....	96
Anexo 13 – grelha de observação nº3.....	100
Anexo 14 – grelha de observação nº4.....	104
Anexo 15 – questionário final.....	108
Questionário Final nº1	
Questionário Final nº2	
Questionário Final nº3	
Questionário Final nº4	
Questionário Final nº5	
Questionário Final nº6	
Questionário Final nº7	
Questionário Final nº8	
Questionário Final nº9	
Questionário Final nº10	
Questionário Final nº11	
Questionário Final nº12	
Questionário Final nº13	
Questionário Final nº14	
Questionário Final nº15	
Questionário Final nº16	
Questionário Final nº17	
Questionário Final nº18	
Questionário Final nº19	
Questionário Final nº20	
Questionário Final nº21	
Questionário Final nº22	
Questionário Final nº23	

Anexo 16 – autorização para a utilização de dados e fotos por parte do agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, Trofa.....	131
--	-----

Lista de Abreviaturas e Acrónimos

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

LE – Língua Estrangeira

PES – Prática de Ensino Supervisionada

EB – Ensino Básico

LM – Língua Materna

1. INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais globalizado com diversos recursos tecnológicos e por sua vez avanços tecnológicos, há uma pergunta a fazer: como pode a Educação beneficiar de tudo isto?

Em Portugal desde 1985 foram implementados projetos e programas com o objetivo de alcançar e facilitar a integração da Internet na Educação, como por exemplo: o projeto MINERVA (Meios Informáticos Na Educação: Racionalização, Valorização, Atualização), a criação do projeto Ciência Viva e o projeto UARTE (Unidade de Apoio à Rede Telemática Educativa), sem deixar de mencionar as (TIC) - Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação Tecnológica como disciplina.

No entanto, e perante este esforço reconhecido por parte do Ministério da Educação e da Ciência ao longo dos anos, a realidade parece ser um pouco diferente.

Por exemplo, a disciplina de Educação Tecnológica não existe como disciplina no 1ºCEB, e também não existe transversalmente em todas as outras disciplinas. Embora existam diversas oportunidades de aplicar objetivos da Educação Tecnológica nos currículos de cada disciplina do 1ºciclo, quando isto não acontece, passa por ser uma opção do professor que por diversas vezes apresenta falta de formação (devido à ausência de formações na mesma) e, para além disto, as escolas parecem despidas de alguns materiais essenciais para a utilização dos recursos tecnológicos.

Para além disto, parece existir ainda alguma resistência e dúvida relativamente à integração dos recursos tecnológicos e da Internet no dia a dia escolar.

Posto isto, e a partir de conclusões que partem de determinadas experiências tanto do foro pessoal e subjetivo como o exemplo da minha afilhada de três anos de idade e a sua relação com a Língua Inglesa, como a partir de experiências do foro científico devido ao primeiro ano de Mestrado, decidi explorar a ligação entre estes dois mundos (Internet e Educação), e encontrar um possível caminho e solução para a utilização de recursos tecnológicos, neste caso em específico o vídeo, no ensino-aprendizagem de uma (LE) – Língua Estrangeira, neste caso o Inglês.

Deste modo, decidi dividir este projeto em duas partes, a teórica que parte de uma revisão literária com o objetivo de responder a algumas questões existentes na minha parte e a prática onde menciono a minha experiência na (PES) – Prática de Ensino Supervisionada e demonstro resultados de dados que podem, juntamente com a primeira parte do projeto, alcançar novas conclusões.

Assim, irei começar por procurar perceber como as TIC estão representadas na educação em Portugal e também o contexto tecnológico do país em geral.

No capítulo 3, irei debruçar-me sobre os currículos no 1º ciclo do Ensino Básico, demonstrando a possível integração das TIC nas disciplinas e nos seus objetivos realçando pontos positivos e negativos desta possível integração.

No capítulo 4, percebi que será importante entender como funciona a aprendizagem de uma criança no seu âmbito geral e em específico numa Língua Estrangeira e deste modo tecer determinadas conclusões relativamente aos recursos tecnológicos, nomeadamente o vídeo, na aprendizagem das crianças.

Por esta razão, mencionarei a Motivação, a Memória e a Atenção como palavras-chave pois estas são vitais e de extrema importância no ensino-aprendizagem de uma criança.

No capítulo 5, irei focar-me nos vídeos, sendo que tenho como objetivo perceber como estes funcionam, como podem ser trabalhados pelos docentes e as vantagens da sua utilização dentro da sala de aula.

No capítulo 6, irei descrever as questões que formulei e que me impulsionaram a investigar mais sobre este assunto e por sua vez o tipo de metodologias que utilizei para recolher dados durante a PES.

No capítulo 7, irei caracterizar o meio e a escola onde decorreu a minha PES e os resultados dos dados que recolhi durante a mesma.

Por sua vez, no capítulo 8 irei descrever algumas aulas em que coloquei em prática a utilização de vídeos, justificando a sua utilização em cada aula.

No capítulo 9, irei tecer algumas considerações que aproximam as duas partes deste projeto como era o objetivo inicial e principal.

Deste modo, irei dar ênfase ao ensino-aprendizagem numa LE (neste caso a Língua Inglesa) no 1º ciclo do Ensino Básico, percebendo como este funciona nas crianças e por sua vez se os recursos tecnológicos utilizados têm um impacto positivo no mesmo.

Para além disto, procurarei, não só, perceber o contexto atual do país perante as TIC, juntamente com os desafios dos docentes e dos alunos no seu dia a dia que também influenciam a possível integração da Internet nos currículos, mas também, apresentar estratégias para estes problemas.

PARTE I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2. ENSINO E APRENDIZAGEM NO 1º CEB EM PORTUGAL – O CASO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Quando falamos na utilização de recursos tecnológicos dentro da sala de aula, é inevitável falar da Educação Tecnológica. Há uma série de momentos a ter em conta: entre 1985 e 1994 foi implementado, em Portugal, o projeto MINERVA (Meios Informáticos Na Educação: Racionalização, Valorização, Atualização) que tinha como principal objetivo introduzir as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Em 1996 foi criada a agência Ciência Viva para a “(...) promoção da cultura científica e tecnológica junto da população portuguesa.” (Tecnologias na educação em Portugal, 2019)

Entre 1997 e 2003 foi lançada a UARTE (Unidade de Apoio à Rede Telemática Educativa), uma estrutura desenvolvida para integrar o *Projeto Internet na Escola*, com o objetivo de “(...) instalação de um computador multimédia e a sua ligação à Internet na biblioteca/mediateca de cada escola do (EB) – Ensino Básico e secundário (...)”. (Tecnologias na educação em Portugal, 2019). Entre outros programas e projetos promovidos e implementados em Portugal, parece que desde muito cedo o Ministério da Educação tentou introduzir os recursos informáticos dentro da sala de aula.

No entanto, a circunstância de uma sociedade de consumo, com “(...) o crescente envolvimento do cidadão comum nas realidades técnicas(...)” (Baptista, J., 1993, cap. 5.1) e até mesmo com a mudança no dia a dia dos trabalhadores, agora com computadores e telemóveis à disposição, fez perceber que a educação tecnológica em Portugal estava desatualizada.

Nesse campo, no 1º Ciclo do EB onde não existe a disciplina parecem existirem múltiplos objetivos que poderiam estar facilmente interligados com a Educação Tecnológica ou com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Deste modo, a Educação Tecnológica podia ser utilizada transversalmente em todas as disciplinas no 1ºCEB de forma a complementar o currículo. No âmbito deste trabalho, irei analisar com pormenor o currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico, principalmente no caso da disciplina Estudo do Meio, sendo que escolhi esta disciplina, pois embora todas as outras possam usufruir dos recursos tecnológicos, o Estudo do Meio tem no seu currículo uma série de desafios que, na ausência dos recursos tecnológicos, não serão fáceis de trabalhar com os alunos.

No projeto do Estudo do Meio do EB – 1º Ciclo, na 4ª edição de “Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico”, pode ler-se nos objetivos gerais:

“6 – Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação.”

No bloco 3 – “À Descoberta do Ambiente Natural” para o 1º ano pode ler-se:

1. “OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola”

Para o 2º ano:

“• Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo:

- animais selvagens;
- animais domésticos;
- reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar);”

No bloco 4 – “À Descoberta das Inter-relações entre Espaços” é possível ler, para o 4º ano:

1. “O CONTACTO ENTRE A TERRA E O MAR

- Observar directa ou indirectamente:

– alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...);

– alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres).”

A partir destes objetivos ficam por esclarecer algumas dúvidas: será que todas as escolas têm as ferramentas necessárias para cultivar plantas, seja na sala de aula ou no recreio? Quando falamos na observação de alguns animais em ambiente próximo e mencionamos os animais selvagens podemos aqui inserir escolas localizadas em cidades? Será que todas as escolas estão localizadas num raio próximo de locais com água como praias, lagos? Deste modo, percebemos que embora o Projeto do Estudo do Meio no 1º Ciclo aponte para diversas experiências e conhecimentos a desenvolver nos alunos, a verdade é que por vezes estas não podem ser desenvolvidas de igual forma em todo o país devido à falta de recursos ou de condições estruturais.

A Educação Tecnológica ou as TIC entrariam aqui como não só como uma solução conveniente, visto que a partir do computador o aluno poderia ver em prática, diferentes partes da agricultura, diferentes indústrias e até mesmo fenómenos naturais através de vídeos reais ou de vídeos que ilustrassem os fenómenos naturais de uma forma aproximada à realidade, mas também como algo que traria coisas novas para a educação e novos métodos de ensino-aprendizagem. Funcionaria, mais uma vez, como uma ponte entre a escola e a realidade, aproximando países, regiões, culturas e dirimindo pouco a pouco as diferenças existentes entre as diversas escolas de Portugal.

Com este exemplo, é fácil entender agora que a Educação Tecnológica ou as TIC oferecem grandes vantagens a diversas disciplinas. Esse é também o caso naquela em que nos vamos focar durante este estudo: a aprendizagem de

línguas estrangeiras, neste caso mais especificamente a Língua Inglesa, no 1ºCiclo.

Uma língua pode ser a (LM) – Língua Materna de vários países e culturas diferentes. Deste modo, para a aprender com sucesso é importante conhecer as diferentes culturas e valores da mesma. Ora, com a ajuda da Educação Tecnológica tudo isto seria mais fácil de aceder com o recurso a vídeos, a áudios de nativos, a fotografias.

No entanto, para além da Educação Tecnológica nos aproximar de uma cultura desconhecida e diferente ao aprender uma LE, esta irá também ser uma bengala tanto para o professor como para o aluno na medida em que irá facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos diversos conteúdos gramaticais da língua. Para além disto, tal como mencionado no projeto do Estudo do Meio 1ºCiclo do EB nos objetivos gerais, os alunos devem; “6 – Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação.” Deste modo, se o objetivo é que a criança procure o seu próprio conhecimento e se questione continuamente sobre o que aprende ou como aprende, a Educação Tecnológica serve como incitador de questões e como motor de busca para as dúvidas dos alunos. Logo, este objetivo do Estudo do Meio pode ser aplicado a todas as disciplinas no 1ºCEB com o recurso à Educação Tecnológica e por sua vez aos recursos tecnológicos. Assim, os professores devem tentar integrar atividades na sala de aula que pouco a pouco transformem os alunos em seres ativos e responsáveis pela sua própria aprendizagem.

King, A., (1993) menciona algumas atividades que exploram esta ideia e que podem, atualmente, se interligar com a Educação Tecnológica. King, A., menciona atividades como “*Jigsaw*” e “*Co-op Co-op*”. Focando na primeira, o objetivo é que a turma seja dividida em equipas ficando cada uma responsável por uma parte do tema que será discutido na sala de aula. Deste modo, cada equipa possuirá uma peça do puzzle, que quando juntas no final, tem como resultado a aprendizagem global e final do tema em discussão. Assim, é

importante que cada equipa explore bem a parte que lhes pertence para depois explicar aos restantes colegas. Penso que para esta atividade a Internet seria útil: em vez de o professor distribuir documentos para análise, os alunos teriam de procurar informação online, e por sua vez, saber escolher e dividir a informação vital da menos importante e até errada. O professor mantém-se como guia que orienta estes processos. Deste modo, os alunos estariam em contacto com informação do mundo real sobre temas reais. Assim, é importante relembrar que a criança aprende mais/melhor quando confrontada com o mundo real. Vayer, P. e Trudelle, D. (1999) salientam dois pontos importantes no que toca à aprendizagem das crianças:

“1) A criança aprende por si própria através das suas ações e interações com o ambiente imediato. É o processo de tentativa erro que lhe permite transformar em capacidades o que no início da vida não eram senão possibilidades. É a noção de aprendizagem espontânea.”

“2) Ao mesmo tempo, aprende a agir e a ser para se adaptar à realidade social que lhe é imposta; o que implica que tenha reconhecido essa realidade e a necessidade de se adaptar a ela.” (cap.2)

Deste modo, parecer ser de grande importância a utilização dos recursos tecnológicos para proporcionar uma aprendizagem aproximada da realidade, seja ela social, cultural, entre outras. E para tornar o papel da criança, durante a sua aprendizagem, mais ativo.

No entanto, e regressando ao tema da articulação entre estes dois (TIC e outras disciplinas) Portugal parece demonstrar o envolvimento e a introdução das TIC dentro da sala de aula. De salientar que para além dos projetos mencionados no início deste capítulo, relembro aqui a introdução do Programa de Acompanhamento da Utilização Educativa da Internet nas Escolas Públicas do 1º Ciclo do Ensino Básico. Este projeto teve como objetivo reforçar e acompanhar a utilização da Internet em todas as escolas públicas do 1º Ciclo em Portugal. Para além deste projeto, em 2007 vimos ser implementado em Portugal o Plano Tecnológico para a Educação, no qual foram entregues os

computadores Magalhães e com alguns objetivos presentes na Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência tais como:

- Ligação à Internet em banda larga de alta velocidade
- Aumentar o número alunos por PC com ligação à Internet
- Aumentar a percentagem de docentes com certificação em TIC

No entanto, podemos intuir que as TIC por vezes estão divididas das outras disciplinas e caracterizando-se apenas por medidas de formação aos docentes e aquisição de dispositivos tal como computadores, *tablets*, quadros interativos, entre outros, mas não de medidas de interação com esses mesmos dispositivos dentro da sala de aula e em diversas disciplinas. Deste modo, as TIC seriam como uma ponte entre as diversas disciplinas, em qualquer ciclo do ensino básico.

2.1.A POSSÍVEL INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO CURRÍCULO EDUCACIONAL

Na minha perspetiva, a escola foi sempre limitada por diversas decisões exteriores tais como a importância dada às avaliações e aos testes, ou seja, prioridade à avaliação final; o ensino virado para o professor, sendo que isto depende do professor, mas também daqueles que produzem os currículos. Por sua vez, os alunos parecem estar confinados às quatro paredes da sala de aula, à comunidade onde vivem e aos recursos que existem. Por esta razão acaba por ter uma visão mais pequena do mundo real e a sua aprendizagem torna-se menos motivadora e interessante.

Surgem cada vez mais teorias que apoiam a aprendizagem como devendo estar centrada no aluno, como por exemplo a teoria da *Flipped classroom*. Esta teoria teve origem em 1993 num documento intitulado *From Sage on the Stage to Guide on the Side* de Alison King. King, A. caracteriza, inicialmente, o professor como o “Sage on Stage”, ou seja, o professor é o portador do conhecimento e encontra-se num palco, em destaque, transmitindo o conhecimento para os alunos. Cabe aos alunos uma atitude passiva de absorção e memorização do conhecimento transmitido pelo professor. No entanto, King, A., (1993) refere uma mudança necessária na passagem para o século 21 “Such view is outdated and will be not effective for the twenty-first century, when individuals will be expected to think for themselves, pose and solve complex problems (...)” (p.30, para.1). Deste modo, os estudantes passarão a ter uma atitude ativa relativamente ao seu próprio conhecimento, procurando nova informação, e o professor será considerado um guia que vai orientar estes processos: “And the professor, instead of being the “sage on the stage,” functions as a “guide on the side”, facilitating learning (...)” (p.30, para.4). Deste modo, todos os processos de aprendizagem serão mais individuais e por sua vez com ritmos de aprendizagem diferentes. A escola será um lugar interdisciplinar, centrada na resolução de problemas, nas opiniões e na aquisição de conhecimento diária.

2.1.1. AS VANTAGENS PARA OS ALUNOS E PARA OS PROFESSORES

Tal como já tínhamos mencionado anteriormente a introdução das TIC na sala de aula parece trazer consigo impactos primordialmente positivos. A autora Teresa Almeida d’Eça, no livro *A Internet na Educação* (1998), menciona alguns pontos positivos desta relação:

“(...) permite desenvolver a capacidade de resolução de problemas(...)” (cap.1, p.29).

“(...) permite encaminhar os alunos para a *lifelong learning*, a educação/formação continua...” (cap.1, p.29).

Para além disto, realça ainda que com a utilização das TIC dentro da sala de aula, nas diferentes disciplinas: “(...) pode e deve ser feita individualmente, de acordo com as necessidades de cada um e ao ritmo de cada um.”

Assim, de partida, conseguimos enumerar bastantes pontos positivos desta integração. A Internet permite ao aluno que este consiga responder às suas necessidades dentro do seu ritmo pessoal, estando em contacto com várias formas de informação de diferentes fontes. Este é um processo de aprendizagem individual que se interliga com o processo de aprendizagem ativo por parte do aluno e de guia por parte do professor como já mencionado no final do capítulo anterior.

Para o professor, o uso da tecnologia e da integração da mesma tem muitos aspetos positivos. Para uma profissão que antes se caracterizava muito por ser solitária e de grande trabalho individual, passa, assim, a dispor de variados recursos e partilha de conhecimento, ideias, planos de aulas entre colegas nacionalmente ou internacionalmente.

De acordo com o Ministério da Educação e da Ciência no decreto-Lei n.º 22/2014 de 11 de fevereiro de 2014 presente no Diário da República, 1.ª série, N.º 29, no capítulo II, no artigo 5º: Áreas de Formação pode ler-se:

“Artigo 5.º

Áreas de formação

As áreas de formação contínua são as seguintes (...) **g) Tecnologias da informação e comunicação aplicadas a didáticas específicas ou à gestão escolar.**”

(destaque meu)

No último ponto é feita a alusão às tecnologias como área de formação de interesse a desenvolver na formação contínua de professores. Ora, deste modo,

partimos do pressuposto que as tecnologias estão inseridas na formação contínua de professores, tendo em mente os objetivos elencados para a formação contínua presentes no decreto-Lei n.º 22/2014 de 11 de fevereiro de 2014 presente no Diário da República, 1.ª série, N.º 29, no capítulo II, no artigo 4.º: Objetivos:

“Artigo 4.º

Objetivos

A formação contínua tem como objetivos promover: (...) **b) A melhoria da qualidade do ensino e dos resultados da aprendizagem escolar dos alunos; c) O desenvolvimento profissional dos docentes, na perspetiva do seu desempenho, do contínuo aperfeiçoamento e do seu contributo para a melhoria dos resultados escolares;** (...)

(destaque meu)

Nesta parte é de salientar o ponto b e o ponto c, sendo que estes referem a importância da qualidade do ensino e do desenvolvimento profissional dos docentes como algo em constante mudança. Deste modo, é lógico que com o aparecimento dos recursos tecnológicos e a sua implementação, estes estejam contemplados nesta atualização constante por parte dos docentes na formação contínua.

No entanto, Ferreira, G. e Silva, B., a partir de um ensaio que produziram no Brasil presente no documento “Formação Continuada de Professores para o Uso das Tecnologias Educativas: Entre a Intenção e a Execução”, mencionam que embora os professores tenham a noção da necessidade de atualização da sua prática como docentes na formação contínua, a realidade é que enfrentam e colocam diversos problemas a esta atualização. Nomeadamente o facto de muitos perceberem a importância e o benefício da utilização dos recursos tecnológicos dentro da sala de aula, mas na prática, nunca os utilizarem: “No caso dos professores que participaram do trabalho, regista-se que a principal limitação do estudo foi traduzir em ação a certeza de que os professores diziam ter quanto aos benefícios do uso das tecnologias na educação. No campo teórico

e nos diálogos mantidos nas entrevistas semiestruturadas, ouvia-se um sim. Na prática, ecoava um não transmitido em expressões do tipo: não tenho tempo; isso vai exigir um esforço muito grande; os alunos não querem nada e, portanto, não vale o meu esforço” (cap.5, p.581)

Muitos continuam, também, a atribuir a culpa aos alunos e a falta de disciplina dos mesmos como uma crescente dificuldade e barreira na introdução de recursos tecnológicos: “Ainda que compartilhando de problemas em comum, caracterizado pela indisciplina e dispersão dos alunos nos momentos de aula, eles não se congregam na busca por soluções compartilhadas. No caso específico da tecnologia, o cenário é o mesmo, cada um isolado em seus saberes, certezas, dúvidas e angústias.” (cap.5, p.581)

No entanto, seria importante, na minha perspectiva, que os professores tivessem uma formação mais extensa no que toca a saber utilizar o computador e a Internet dentro e fora da sala de aula, nomeadamente no tratamento da informação existente na Internet, na construção e até manipulação de vídeos didáticos, na implementação de trabalhos de grupo e de pesquisar guiados, principalmente, pelos alunos com recurso à Internet e com a orientação do professor. Para além disto, os computadores, as *pens* facilitam o transporte desta informação para as salas de aulas e até mesmo a sua divulgação torna-se mais organizada e simplificada.

Para os alunos, há um aumento de motivação e entusiasmo no que toca à aprendizagem quando aliada a recursos tecnológicos. Esta motivação e entusiasmo podem ser agravados perante trabalhos de grupo. Os recursos tornam-se um meio de comunicação entre alunos, facilitando os trabalhos de grupo contribuindo para o desenvolvimento de capacidades de colaboração e de cooperação. A ideia principal de um trabalho de grupo é esforço de vários para um objetivo em comum a ser alcançado. No entanto, podemos falar de cooperação como cada um ter uma tarefa em específico e depois no fim juntar todas as partes. A colaboração pode ser vista como o mesmo trabalho a ser desenvolvido por todos através de: “(...) diálogo, negociação e partilha de ideias.” (Guimarães, P., 2009, cap. 1, p.12)

Deste modo:

“Perante o que se tem vindo a expor, acreditamos que tanto uma aprendizagem colaborativa como uma aprendizagem cooperativa, enquanto metodologias de grupo, podem revelar-se numa mais-valia para a construção do conhecimento do indivíduo.” (cap.1, p. 13)

No que toca aos recursos online, existem diversas plataformas onde já possível desenvolver trabalhos de grupo através da Internet durante as aulas, sendo necessário a utilização de um computador. É possível através destas plataformas como *class dojo* ou *prezi e Google docs* onde para além de os alunos poderem partilhar os seus trabalhos, podem fazê-los cada um na sua casa, mas, ao mesmo tempo e complementarem os trabalhos um dos outros. Na plataforma *class dojo* é possível o contacto entre aluno, professor e encarregado de educação. O professor pode partilhar documentos para todos e para a sua própria turma, receber comentários dos pais, os trabalhos dos alunos e até avaliar os alunos durante atividades na sala de aula. Para além disto, ainda existe a possibilidade de publicar os projetos e trabalhos efetuados pelos alunos na web sendo que estes ficam disponíveis para serem acedidos globalmente. Tal como os alunos podem aceder a diversos projetos internacionais. Assim, as TIC entram aqui como uma ferramenta importante para a cooperação e colaboração entre todos os agentes escolares, sendo que facilita estas relações mesmo à distância.

No entanto, as consequências positivas desta relação nos alunos vão ainda mais além: “Children have an amazing ability to absorb language through play and other activities which they find enjoyable”. (Nigora, U., 2018, p.12)

Deste modo, existe uma ligação entre a motivação, o gosto e aprendizagem no que toca às crianças. E por sua vez, quando motivados, será lógico, à partida, que os alunos estejam atentos.

Contudo, o nível de concentração e de atenção parece estar diminuído ou dividido/partilhado de outra forma. O que garante ao professor uma tarefa mais difícil, em que este tem de oferecer uma grande variedade de atividades diferentes durante uma aula para conseguir estimular os seus alunos e por sua

vez captar a sua atenção. A partir deste pressuposto, e interligando com as TIC, os recursos tecnológicos são vistos então como atrativos tanto para os alunos como para os professores. Em primeiro lugar, atualmente grande parte das crianças tem acesso à Internet e a ferramentas tecnológicas, sejam estas telemóveis, *tablets*, televisões, computadores (...). A partir do website PORDATA (Base de Dados Portugal Contemporâneo), consegui obter alguns dados que podem ser consultados nos seguintes gráficos no que diz respeito a: “Agregados domésticos privados com computador, com ligação à Internet e com ligação à Internet através de banda larga (%)” e a “Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por sexo”. Nas figuras, presentes no anexo 1 e anexo 2 podemos ver estes dados de forma comparativa e tecer algumas conclusões.

Estes dados denotam que a criança tenha uma relação de proximidade com a Internet, e os seus recursos, sendo que é cada vez mais usual vermos crianças a utilizar *tablets* com mais facilidade e agilidade do que os seus próprios pais. Estas navegam pela Internet e por diversas vezes acabam no *Youtube* onde visualizam vários tipos de vídeos cujos oradores dominam várias línguas estrangeiras, principalmente o Inglês. O mesmo acontece com jogos que se encontram, na sua maioria, em Inglês. Este contacto constante e direto com a língua confere à criança uma ligação com aquela LE, neste caso o Inglês: “(...) Children learn abstract rules of language from which they listen(...)”. (Nigora, U., 2018)

Deste modo, concluímos que a criança ao ouvir a LE, consegue, depois de algum tempo, obter sozinha algumas conclusões de como esta funciona mesmo sem ter consciência gramatical da mesma.

Assim, por diversas vezes, a criança aprende determinadas palavras em Inglês e até expressões do dia a dia a partir dos vídeos e jogos que visualiza e que joga. A partir desta conclusão, estes recursos anteriormente mencionados (vídeos e jogos) mostram-se como ferramentas auxiliares para a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Para além disto, é de salientar que, segundo o autor James Asher, a LE deve ser ensinada e aprendida tal como a LM. Durante a aprendizagem da LM, a criança está em contacto com o mundo real e ouve diariamente a língua a ser utilizada nas suas variedades, inicialmente mais pelo primeiro grupo social que a rodeia, a família. A partir disto, esta aprende a língua e as suas utilidades. Ora, a LE deve ser aprendida da mesma forma: “(...) when teaching a second language we must follow the same process so that learning can be successful.”(Asher, J., n.d), como referido em Nigora, U., 2018) Assim, quando a aprendizagem de um LE é feita da mesma forma que de uma LM as vantagens são diversas, tal como durante a aprendizagem da LM o aluno poderá ouvir vozes diferentes com pronúncias diferentes, que por sua vez também integram palavras diferentes no vocabulário, irão também poder ouvir a língua utilizada em situações formais e situações não formais e perceber a diferença, entre outros. Deste modo, mais uma vez, os vídeos e os jogos são importantes na aprendizagem de uma LE, na medida em que estes podem espelhar a LE no seu dia a dia a partir de vídeos de rotinas, e podem demonstrar também a língua utilizada por nativos.

2.1.2. AS DESVANTAGENS PARA OS ALUNOS E PARA OS PROFESSORES

Até agora apresentei o impacto positivo da integração da Internet, mais precisamente da Educação Tecnológica e dos recursos tecnológicos na educação. No entanto, esta parece também oferecer ameaças para os alunos e para os professores. Tal como mencionado, a Internet é um mundo recheado de variadas informações de variadas fontes. Ora isto pode conferir um problema: diferenciar informação útil de informação menos útil, desnecessária ou até errada. É importante, então, explicar aos alunos que a informação que encontram deve ser cuidadosamente analisada e selecionada. Isto deve-se ao facto da existência de sites falsos e de sites com informação errada ou falsa (*fake*

news) e entre outras coisas que dificultam a utilização da Internet de forma verdadeira e segura.

Deste modo, o papel do professor será de extrema importância dentro da sala de aula. Este será um orientador, que irá controlar e guiar os alunos conforme estes dirigem as suas pesquisas. No entanto, para isto ser possível, os docentes teriam de ser dotados de capacidades tecnológicas e conhecedores dos recursos tecnológicos. Isto implica um problema, visto que atualmente muitos docentes ainda oferecem resistência à integração da Internet na sala de aula.

Muitos docentes parecem sofrer de uma chamada “ignorância informática” que acaba por acontecer, não só devido à resistência por parte destes docentes como também pela falta de formação dos professores na área das TIC embora esta esteja contemplada pelo Ministério da Educação e da Ciência tal como mencionado no subcapítulo anterior. (D’êça, T., 1998, cap.2) A Internet parece ser algo difícil de aprender e abstrato e, como tal, alterar os recursos que utilizam diariamente na sala de aula parece ser um desafio para a grande parte dos docentes. A autora Janet Schofiel, referida em D’êça, T., (1998), menciona mesmo o medo dos docentes em “perder autoridade”, visto que os alunos percebem mais sobre os recursos tecnológicos e a sua utilização do que os professores. (cap.2)

Assim, se queremos introduzir as TIC de forma interdisciplinar nas escolas, só o poderemos fazer com a ajuda dos docentes e por sua vez com o apoio à formação de professores.

3. COMO APRENDE A CRIANÇA

3.1. APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Quando falamos de aprender uma LE, falamos também de adquirir uma LE. Deste modo, decidi debruçar-me sobre duas perspectivas do autor Stephen D Krashen sendo que optei pelos seus estudos por serem os que, na minha opinião, têm mais relevância no meu objeto de estudo:

A primeira diz que adquirimos uma LE de forma subconsciente apenas tendo conhecimento de que a utilizamos para comunicar. As regras de gramática são adquiridas sem termos noção das mesmas. Por outro lado, a segunda explicita de que podemos adquirir uma LE, tal como a primeira, no entanto, com plena consciência da aprendizagem da mesma, das regras gramaticais existentes.

A primeira a ser mencionada, *The Natural Order Hypothesis*, vai de acordo com a primeira perspectiva, adquirimos a língua de uma forma natural, sem consciência do que estamos a fazer. Isto acontece principalmente nas crianças.

Outra teoria é a *Input Hypothesis* que menciona que o sujeito está mais atento ao significado das palavras do que propriamente à forma em que são apresentadas. Deste modo, esta teoria tem como base que primeiro aprendemos o significado das coisas e depois concluímos a estrutura das mesmas. Aqui podemos também mencionar o “*caretaker speech*”, que é referente ao diálogo dos pais. As crianças aprendem a LM a partir da influência dos pais e da família. Deste modo adquirem parte da Língua a partir das conversas que a rodeiam e do ambiente, por sua vez não existe uma consciência das regras gramaticais existentes. Por outro lado: “In other words, caretaker speech is not precisely adjusted to the level of each child, but tends to get more complex as the child progresses.” (Krashen, S., 1982, II-A cap.4, p.22 para.3)

Esta teoria menciona também que uma criança aprende melhor a LE quando em contacto com o seu ambiente, ou seja, em contacto com o mundo real. No entanto, o mundo real não tem filtros, ou seja, nele será difícil, para uma criança discernir o importante a reter das experiências reais, o menos importante e o errado. Deste modo, existem algumas vantagens em aprender uma LE dentro da sala de aula, pois embora o ambiente envolvente seja sempre mais natural, este não é controlado e adaptado aos nossos níveis de aprendizagem, sendo que por vezes podemos estar confusos com o que está a acontecer a nosso redor.

Por outro lado, embora a sala de aula seja um ambiente mais controlado, esta também confere algumas limitações no que toca à aprendizagem de uma LE. A LE pode ser apenas vista, tanto pelos alunos como pelo professor, como mais uma disciplina isolada e não como algo transversal que deve ser aplicado no dia a dia e no mundo real. Ora, este filtro deve desaparecer para que a aprendizagem da LE seja mais natural e aplicada ao mundo real. Para além disto, e por mais que o professor tente que as aulas sejam as mais aproximadas da realidade possíveis no que toca a LE, a verdade é que nunca serão tão impulsivas e naturais como no mundo real:

“The input hypothesis also predicts that natural, communicative, roughly-tuned, comprehensible input has some real advantages over finely-tuned input (...)” (Krashen, S., 1982, II-A cap.4, p.25 para.2)

Deste modo, o vídeo como material didático e como ferramenta auxiliar parece encaixar dentro da sala de aula para diminuir algumas destas limitações. Perfeitamente nesta teoria. A partir do vídeo podemos visualizar as partes da realidade social, cultural entre outras da LE, a língua falada por nativos, os hábitos e costumes da mesma. Isto tudo de uma forma mais natural e realista.

É, então, importante explicitar a minha visão do que é um vídeo didático ou pedagógico, dos objetivos do mesmo e até da maneira como os selecionamos. Tal como mencionado no parágrafo anterior o vídeo deve, na minha perspetiva e quando utilizado no contexto escolar, demonstrar ou replicar a realidade social e cultural, entre outras da LE. Assim, menciono vídeos realistas, que

podem incluir figuras e imagens de bonecos, desenhos animados e *cartoons*, mas que ilustram situações do dia a dia:

“O produto audiovisual é uma produção cultural, no sentido em que é uma condição da realidade, na qual são utilizados símbolos fornecidos pela cultura, e partilhados por um grupo de pessoas que produz o produto(...)”. (Arroio, A., e Giordan, M., p.1, para.4)

Mais à frente irei retomar o tópico relativo aos vídeos expondo mais sobre os seus objetivos e as suas consequências na aprendizagem de uma LE.

De um ponto de vista cultural, podemos mencionar ainda outra teoria pedagógica: *Acculturation* (*Acculturation*), que, a partir do autor Schumann referido por Krashen, S., (1982), fala de duas vertentes, uma primeira em que estamos socialmente integrados num grupo daquela LE e a segunda em que para além disto, seguimos costumes e valores desse mesmo grupo:

“Schumann defines two types of acculturation:

In type one acculturation, the learner is socially integrated with the TL¹ group and, as a result, develops sufficient contact with TL speakers to enable him to acquire the TL. In addition, he is psychologically open to the TL such that input to which he is exposed becomes intake. Type two acculturation has all the characteristics of type one, but in this case the learner regards the TL speakers as a reference group whose life styles and values he consciously or unconsciously desires to adopt. Both types of acculturation are sufficient to cause acquisition of the TL, but the distinction is made to stress that social and psychological contact with the TL group is the essential component in acculturation (as it relates to SLA²) that that adoption of the life style and values of the TL group

¹ *Target Language*

² *Second-Language Acquisition*

(characteristics traditionally associated with the notion of acculturation) is not necessary for successful acquisition of the TL" (p.29). (Schumann, J., 1978, como referido em Krashen, S., 1982 II-B cap.5, p.45 para.3)

Ora isto facilita a aquisição da LE pois já temos uma relação social com a mesma e é importante para nós de várias maneiras.

3.2. A MOTIVAÇÃO E A MEMÓRIA

A motivação tornou-se, ao longo dos anos, um tema com especial atenção no campo pedagógico. Percebeu-se que a motivação e a aprendizagem estão intimamente ligadas. Em “A motivação escolar e o processo de aprendizagem” de Abilio Afonso Lourenço e Maria Olimpia Almeida de Paiva, podemos encontrar uma afirmação que vai de acordo com este pensamento: “Não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender e atribui significado ao aprendido.” (Lourenço, A., & Paiva, M., 2010, p.139)

Deste modo, antes de falarmos dos vídeos como *agentes* pedagógicos e educativos que possuem benefícios de motivação para os alunos, devemos primeiro perceber como funciona a motivação, o que a influencia, positiva e negativamente, e como se caracteriza.

Começamos por definir motivação como algo que guia a pessoa para um determinado objetivo de forma a concluí-lo com sucesso: “os motivos activam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm o organismo em acção.” (Pfromm, S., 1987, como referido em Lourenço, A., e Paiva, M., 2010, p.133, para.4) Partimos, então, do pressuposto de que a

motivação está interligada com vários aspetos da vida do ser humano, por isso não deve ser tomada como isolada.

Por vezes as tarefas propostas pelo professor dentro da sala de aula não despertam interesse nos alunos, o que por sua vez garante uma maior dificuldade na memorização e assimilação de informação por parte dos alunos. Posto isto, muitos alunos desenvolvem sentimentos negativos relativamente à escola e a tudo que esta inclui. Existe quase um sentimento de rejeição perante a escola.

No entanto, a tarefa do professor parece dificultada, por vezes, no que toca a transformar a sala de aula e por sua vez, a disciplina, em momentos interessantes para os alunos: “Sabemos que existem áreas curriculares com conteúdos programáticos ajustados a cada ano escolar, que acabam por dificultar a praxis do professor(...)”. (p.137, para.5)

Embora esta seja uma realidade, existem várias formas de cultivar a motivação dentro da sala de aula, como a partir de atividades que apelam ao interesse dos alunos. No entanto, as atividades não só devem apelar ao interesse e depois à sua motivação, como também serem desafiantes para os mesmos.

No que toca ao tema do interesse, é importante dividir interesse de motivação e perceber as diferenças. Quando falamos de interesse, falamos de algo que chama a atenção do ser humano, no entanto, pode não ser o suficiente para levar o aluno a realmente tomar alguma ação relativamente a esse interesse. Ou seja, o aluno pode demonstrar interesse por determinado tema específico de uma matéria ou até, pelo vídeo que está a ser exibido na aula; no entanto, pode não se sentir impelido a questionar o tema ou o vídeo, ou a procurar mais sobre os mesmos.

A motivação caracteriza-se por uma força maior, que vai para além do interesse. Deste modo, por mais difícil que seja a concretização de uma tarefa ou obstáculos que a rodeiem, o aluno será impelido a procurar mais sobre o assunto e tentar concretizá-lo com sucesso:

“Cabe, aqui, fazer uma diferenciação entre interesse e motivação. As coisas que interessam, e por isso prendem a atenção, podem ser várias, mas talvez

nenhuma possua força suficiente para conduzir à acção, a qual exige esforço de um motivo determinante da nossa vontade.”

“O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências que dificultam a execução do ato.” (Lourenço, A., & Paiva, M., 2010, p. 132 -141)

No entanto, os autores Deci, E., e Ryan, R., (1985,2002) referidos em Lourenço, A., e Paiva, M., (2010), falavam da Teoria de Autodeterminação que se caracteriza por “(...) os objetivos subjacentes à motivação são diferentes de indivíduo para indivíduo(...)”. (cap.3, p.136, para.2). Deste modo, a motivação de cada um depende de fatores pessoais e até experiências pessoais, de interesses e de contextos que apelam ao interesse de cada um de nós. Assim:

“(...)é impossível planejar uma acção pedagógica sem antes determinar o universo de cada aluno nos seus diferentes aspetos.” (cap.4, p.138, para.3)

Por esta razão, a motivação é, então, influenciada pelas necessidades básicas do ser humano. É, então importante mencionar a Pirâmide da Hierarchy de necessidades de Maslow. (Moraes, C., e Varela, S., 2007, p.4)

O autor da pirâmide, que pode ser consultado no anexo 3, Abraham Maslow, foi um psicólogo norte-americano que explorou as necessidades individuais de cada ser humano. Na pirâmide temos cinco categorias: as fisiológicas, as de segurança, as de afeto, as de estima e as de autorrealização, sendo que as que se encontram na base da pirâmide são as necessidades básicas. Maslow desenhou a pirâmide com o pensamento de que o ser humano só pode alcançar uma necessidade quando a anterior já tiver sido satisfeita. Deste modo, um ser humano que não tenha as suas necessidades básicas (fisiológicas) asseguradas, terá grande dificuldade em conseguir suprir as necessidades de segurança e todas as necessidades seguintes. Deste modo, devemos ter em atenção e não confundir falta de motivação com dificuldades de aprendizagem, pois o aluno pode não apresentar dificuldades em aprender, no entanto, pode não estar motivado para aprender porque algumas das suas necessidades pessoais não

estão satisfeitas: “(...) A pirâmide tem como característica importante a visão de um indivíduo contemplado em seu todo, daí a importância de sua aplicabilidade na escola. Uma criança cujos sentimentos de segurança e senso de pertencer estão ameaçados por divórcio pode ter pouco interesse em aprender a dividir frações.” (Woolfolk, L., 2002, como referido em, Moraes, C., e Varela, S., 2007, p.5, para.5)

Para além disto, ainda existe uma falta de consciência por parte dos alunos em entenderem para que serve o que aprendem diariamente na escola e como isso se aplica ao dia a dia e a sua realidade, o que tem como resultado uma falta de motivação por parte dos alunos que pode ser combatida pelos professores, precisamente com a explicitação da importância e da explicação dos temas trabalhados na sala de aula e das suas interligações com o mundo real.

Assim, a motivação parece não ser tão linear como parece, implicando diversos fatores que se interligam e influenciam e que devem ser tidos em conta nas escolas e pelos professores.

3.3. A CAPACIDADE DE ATENÇÃO

Não existe apenas uma definição para o conceito da atenção, até porque esta foi explorada de diversas maneiras e sempre interligada com outros conceitos. Entre 1920 e 1950, as crianças eram descritas como limitadas no que toca à atenção, e mencionadas mesmo como “impulsivas”. Durante a década de 50, o tema da hiperatividade era trazido para cima da mesa, sendo que a medicação se tornava cada vez mais importante nesta área de investigação. Mais recentemente, nos finais do século XX e no início do século XXI, outros conceitos aparecem como importantes, nomeadamente o conceito de “desatenção” e todas as doenças relacionadas com o mesmo como, por exemplo:

o “Transtorno de Déficit de Atenção”. (Freitas, C., e Baptista, C., 2017, p. 3, para.3, 4, 5)

Assim, encontrei uma definição que vai ao encontro do meu ponto de vista relativamente ao conceito da atenção. “(...) taking possession by the mind, in clear and vivid form (...) It implies withdrawal from some things in order to deal effectively with others (...)”. (James, W., 1890, cap.11, p.917, para.2). Deste modo, embora a mente seja alvo de vários estímulos, a atenção define-se como algo que toma conta da mesma focando-a numa coisa apenas em detrimento de outras.

Neste capítulo, irei explorar o conceito de atenção e todos os seus integrantes ou influenciadores, como a motivação, a memória, os seus limites, entre outros.

Uma das coisas a ter em conta, e que podemos encontrar no livro anteriormente mencionado, é que existem vários tipos de atenção e limitações da mesma. Assim, James, W., afirma que uma das vertentes da atenção é a atenção voluntária. (cap. p.948, para.1) Nesta, o ser humano ocupa a sua mente com um determinado foco, mesmo que este não seja completamente do seu interesse, em detrimento dos outros de forma livre. No entanto, o autor reforça que este tipo de atenção não pode ser mantido durante muito tempo. (cap.11 p. 948, para.2)

Deste modo, o ser humano faz um esforço contínuo por devotar a sua atenção a uma determinada coisa e, como a atenção é voluntária muitas vezes o ser humano batalha consigo mesmo para manter a sua atenção no foco principal e ignorar outros estímulos. (cap. p.953, para.1) A isto podemos chamar de “Seletividade de informação”:

“(...)cada um de nós tem também a experiência de escolher ou dirigir a atenção para certos estímulos em detrimento de outros como definido no livro de como estímulos e no decurso de tal atividade os elementos selecionados parecem tornar-se menos intensos, nítidos e conscientes.” (Pinto, A., 1997, cap.3, p.131, para.1)

Pois, na realidade, a vontade natural do ser humano é de procurar novos estímulos e novos focos quando aqueles do momento perdem o seu interesse ou objetivo principal. Ora este demonstra ser um desafio para os professores atualmente. Batalhar pela atenção dos seus alunos passa por conseguir falar de uma mesma coisa de diversas formas e sempre acrescentando algo novo. No entanto, William James menciona ainda qual é o grande objetivo da atenção, sendo que esta serve para ajudar o ser humano a perceber, conceber e distinguir o que confere à atenção uma grande importância durante o processo de ensino-aprendizagem.

No que toca aos limites da atenção, existem diferentes teorias como vamos poder confirmar de seguida. Pinto, A., (1997) menciona a existência de diferentes limites no que toca à quantidade de informação que o ser humano é capaz de reter no livro de William James. O diplomata Sir William Hamilton, referido em (James, W., 1890), mencionou algumas tentativas por alguns autores de definir os limites da atenção: “By Charles Bonnet the Mind is allowed to have a distinct notion of six objects at once; by Abraham Tucker the number is limited to four; while Destutt Tracy again amplifies it to six.” (James, W., 1890, cap. 11, p.923)

Após a Segunda Guerra Mundial surgiram novas conceções relativamente a este conceito sendo que o sistema nervoso era agora visto como “(...) bastante limitado quanto à capacidade de processar informação simultaneamente.” (Pinto, A.,1997, cap.3, p.129, para.4) Deste modo, nunca se chegou a uma conclusão objetiva relativamente a este tópico. William James defende que os limites da atenção dependem dos indivíduos, dos objetos em foco e do interesse que os mesmos conferem aos indivíduos em questão.

No entanto, importante também é perceber como a atenção funciona no cérebro e retirar daí algumas inferências importantes para determinadas conclusões. O cérebro do ser humano é responsável por diversas áreas importantes para o ser humano e para a sua vida como: “(...)a inteligência, linguagem, memória, controle motor (...)” (Santos H., s.d.). O cérebro é composto por dois hemisférios, o esquerdo e o direito, sendo que cada um está

divido em quatro regiões: frontal, occipital, temporal e parietal. Cada um destes com as suas funções próprias.

Para além disto, o cérebro possui três grupos de neurónios de extrema relevância para a atenção: “O primeiro mantem a vigília; o segundo grupo responde aos estímulos, direcionando a atenção e o terceiro fica responsável por garantir que a atenção seja focada, inibindo distrações.” (Painel da Educação, s.d.).

É importante mencionar ainda que os estímulos dependem de neurotransmissores tais como: a dopamina, a noradrenalina e a adrenalina. Estes atuam no sistema nervoso e provocam determinadas reações, emoções que por sua vez influenciam a atenção e até a forma como aprendemos algo. Deste modo, a dopamina é essencial para aprendizagem, pois regula a atenção para que esta seja direcionada a algo em específico e se mantenha focada, longe de distrações. Para além disto, a memória é também dependente da atenção, pois embora a repetição seja essencial à memória, esta não funciona na ausência de um estímulo e por sua vez da atenção.

Assim, o cérebro funciona como um todo nas suas diferentes partes existentes anteriormente mencionadas, mas que se articulam entre si, sendo que é um processo e cada parte depende de uma outra. Neste caso, a falta do estímulo, de excitação, de interesse resulta na ausência de dopamina no cérebro do aluno o que por sua vez prejudica a regulação da atenção nos neurónios e no fim prejudica a memória. Deste modo, é importante falar das influências na atenção. Alguns conceitos parecem estar intimamente ligados ao conceito de atenção como: “Excitação (Arousal), alerta, esforço e foco ou amplitude atencional.”

Podemos falar então do “Estado de Alerta, vigilância ou prontidão” que está interligado com os conceitos de interesse e motivação. “Neste estado de alerta, os sentidos estão bem despertos e os tempos de reação são mais rápidos.” (Pinto, A., 1997, cap.3, p.130, para.4). Ou seja, quando o ser humano demonstra interesse e motivação por alguma coisa, este parece mais desperto relativamente a este foco e por sua vez mais rápido a pensar, responder, questionar, entre outros. Deste modo, se uma criança estiver motivada e interessada em aprender

uma LE, estará mais desperta, colocando o foco principal na aprendizagem da mesma. Surge assim o conceito da atenção ativa que se define por deixar a criança mais predisposta para atividades relacionadas com aquele tema em específico. Deste modo, alguns autores como Easterbrook referido em (Teigen, K.,1994), afirma que “moderate levels of arousal will improve performance by helping the individual to concentrate on relevante cues (leaving out irrelevant ones) (...)” (p.535)

Por outro lado, Humphreys e Revelle (1984) referidos em (TEIGEN, 1994) falam de um ruído entre estas relações, pois a motivação e o interesse aumentam a atenção, no entanto reduzem o processamento da informação e a memorização da mesma: “(...) that arousal increases attention and persistence, but reduces efficiency of information processing (e.g. retrieving information from memory)”. (p.540, para.3)

Regressando a James, W., (1980), este fala também de dois tipos de atenção: a imediata e a derivada. A primeira refere-se a quando algo é do interesse do ser humano sem relação com mais nada. A segunda, atenção derivada, é o que surge quando algo interessa o ser humano, apenas pela associação com outras coisas igualmente interessantes: “(...) derived, when the images are interesting only as means to a remote end, or merely because they are associated with something which makes them dear.” (cap.11, p.945, para.1)

No que toca as crianças e à sua capacidade de atenção durante a infância, falamos de exciting sensorial stimuli. Embora em adultos já tenhamos mais ou menos fixado o que nos interessa ou não, durante a infância isto ainda não se encontra definido: “But childhood is characterized by great active energy, and has few organized interests by which to meet new impressions and decide whether they are worthy of notice or not, and the consequence is that extreme mobility of attention.” (p.941,942, para.1). Deste modo, como a criança ainda não tem definido o que a interessa ou não esta acaba por estar atenta a tudo, inicialmente para decidir se estes focos de atenção são importantes e/ou interessantes para ela ou não.

Quando falamos de atenção, é então inevitável falar de aprendizagem e do seu conceito e da interligação entre os dois. Para alguns a atenção está à priori

da aprendizagem; outras teorias mencionam que as duas decorrem ao mesmo tempo e por último que a atenção acontece após a aprendizagem.

No que toca à segunda perspetiva mencionada, o processo de aprendizagem e o de atenção acontecem simultaneamente, sendo que o sujeito é ativo na sua aprendizagem e por esta razão a sua atenção gerada de vontade própria e é reavivada por diversas vezes: “(...) perspetiva de atenção tomada como movimento ativo e inventado na relação permanente(...)”. (Kastrup, V., 2004, como referido em Freitas, C., e Baptista, C., 2017, p.5, para.6)

Deste modo, falamos do conceito de inovação como uma constante procura, pesquisa e questionamento sobre algo que apela ao sujeito e que por sua vez capta a sua atenção constantemente e de forma eficaz. Ora, deste modo, o vídeo como material didático, parece-me ideal para oferecer ao aluno uma liberdade constante, onde o aluno pode questionar-se e de seguida então explorar, na Internet e não só, as questões e os problemas que surgem a partir do vídeo. Para além disto, o mesmo vídeo sobre um tema específico pode incitar outras questões. Por exemplo, durante uma das minhas aulas, os alunos tiveram a oportunidade de assistir a um vídeo sobre *Daily Routines (Rotinas do dia a dia)*. O que o vídeo salientava eram as várias atividades que uma criança fazia durante um dia (acordar, tomar banho, tomar o pequeno-almoço...). No entanto, ao mesmo tempo que isto acontecia, aparecia um relógio e a personagem dizia as horas a que fazia estas atividades. Num momento em que a personagem demonstra estar a jantar, as horas que aparecem no ecrã são 6.00 e a personagem diz “I eat dinner at six o'clock in the evening.” (Janto às seis horas ao fim da tarde). Isto criou alguma confusão na turma que começou a questionar a hora a que a personagem jantava, sendo que era demasiado cedo para aquilo que os alunos conheciam do seu dia a dia. Nesse momento, expliquei que as culturas divergem de país para país e que nos EUA é comum as pessoas jantarem mais cedo. Deste modo, embora o objetivo principal ao mostrar o vídeo fosse de abordar as horas e aprender a estrutura frásica das mesmas, a verdade é que outras questões apareceram. Na minha perspetiva isto não é desatenção, da atenção como: “(...) um processo múltiplo, instável, e não como

um estado a ser atingido de maneira imune às perturbações internas e externas. Seria um “vaguear” atento(...)”. (Freitas, C., e Batista, C., 2017, p.6, para.6)

Assim, o professor deve: “(...) organizar o espaço escolar de tal forma que este favoreça a produção de um querer aprender, de aprender a aprender, uma necessidade que se traduza em desejo de aprender (...)”. (Freitas, C., e Baptista, C., 2017, p.7, para.6)

4. O VÍDEO COMO RECURSO TECNOLÓGICO

É importante perceber a ligação entre os vídeos e a aprendizagem de uma LE, dando espaço para as consequências desta relação. Deste modo, neste capítulo irei explorar alguns tipos de vídeo como recursos tecnológicos e as suas características com a aprendizagem de uma LE.

Retomando uma citação já mencionada anteriormente:

“O produto audiovisual é uma produção cultural, no sentido em que é uma condição da realidade, na qual são utilizados símbolos fornecidos pela cultura, e partilhados por um grupo de pessoas que produz o produto(...)”. (Arroio, A., e Giordan, M., p..1, para.4)

O vídeo torna-se, então, algo importante que pode replicar a realidade exterior à sala de aula. E, para além disso, consegue ser mais direto, rápido e fazer o aluno relacionar-se com mais facilidade do que num simples texto. O vídeo pode provocar emoções de diversos tipos, lembrar os alunos de acontecimentos da sua própria vida e fazê-los pensar até em situações pelas quais nunca passaram. Deste modo, o vídeo faz muito mais do que transmitir; o vídeo é a ponte para o questionamento e para o relacionamento que acontece entre o aluno e o tema. Isto também pode acontecer na leitura de um texto, mas talvez não de uma forma tão direta, rápida e chocante como um vídeo pode fazer:

“A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos, e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais no identificamos, ou que se relacionam conosco de alguma forma.” (GUTIERREZ, 1978, referido em Arroio, A., e Giordan, M., p.3, para.1)

Deste modo, o vídeo pode servir para diversas coisas dentro da sala de aula: não só despertar o interesse e o espírito crítico dos alunos, mas também para introduzir temas e assuntos dentro da sala de aula.

Para além disto, existem outras consequências positivas da utilização dos vídeos dentro da sala de aula principalmente no que toca a determinados temas e até disciplinas. Nomeadamente na aprendizagem de línguas estrangeiras, a aprendizagem auditiva revela-se importante e útil, sendo que esta é normalmente explorada através de músicas. Toreason, G., (2001), referida em Andrade, S., (2011), define a compreensão auditiva “(...) como um processo mental de perceção e interpretação de mensagens orais(...)”. (p.38) No que toca à utilização de canções na aprendizagem de uma LE, o aluno tem mais facilidade em memorizar e adquirir o tema a ser trabalhado devido ao ritmo e as repetições existentes nas mesmas. Para além disto, as canções possuem diferentes valores culturais de diferentes partes do mundo para uma mesma língua:

“(...) bem como a importância que tem enquanto reflexo de uma língua, com as suas diferenças e idiosincrasias linguísticas de cada variante da LE a ser estudada.” (Andrade, S., 2011, p.16)

Para além da aprendizagem auditiva como vantagem na utilização dos vídeos dentro da sala de aula, temos, também a aprendizagem visual. Os vídeos dispõem de estímulos visuais muito importantes na aprendizagem de uma LE.

Os vídeos que defini anteriormente como os que demonstram ou replicam a realidade social, cultural, entre outras da LE possuem valores culturais e ilustram os mesmos de forma a estes serem entendidos por outros ou até mesmo questionados e investigados. O aluno tem de fazer um esforço por perceber e decodificar o vídeo e todas as imagens que passam no mesmo:

“(…) os alunos a construírem representações mentais ricas, bem como a estabelecerem conexões entre elas.” (Procópio, R., E Souza, P., 2009, p.140, para.2)

Este processo confere ao aluno um maior nível de atenção e até, por vezes, de motivação e interesse. No que toca à memória:

“(…) o código visual contribui mais para a memória de longo termo do que o código verbal.” (p.140)

Para além disto, os vídeos que replicam ou demonstram a realidade social, cultural possuem características que são visualmente agradáveis e apelativas para os alunos como por exemplo: o uso de diferentes cores, de letras e palavras em destaque que muitas vezes ajudam na pronúncia das palavras e na utilização de figuras e bonecos ou desenhos animados para ilustrar os temas.

Existem ainda mais vantagens da utilização dos vídeos como na aprendizagem dos alunos como:

“De uma forma geral, os indivíduos visualmente letrados olham uma imagem cuidadosa e criticamente, atentando para a intenção do seu criador. Mais detalhadamente, os alunos letrados visualmente estão aptos a:

- a) Compreenderem os elementos básicos do design visual;
- b) Perceberem as influências emocionais, psicológicas, fisiológicas e cognitivas nos visuais;
- c) Compreenderem as imagens simbólicas, representacionais, explanatórias e abstratas;” (p.140, 141, para.8)

Assim, percebemos a importância da aprendizagem visual na aprendizagem de uma LE sendo que esta está presente nos vídeos tal como a aprendizagem auditiva, também anteriormente mencionada. Deste modo, a utilização do vídeo dentro da sala de aula comporta consigo o estímulo de várias aprendizagens e formas de aprender como aprendizagens de carácter visual e aprendizagens de carácter auditivo. Para além destas consequências positivas, existe ainda a vantagem de podermos parar o vídeo a qualquer momento, voltar atrás, andar para a frente, saltar determinadas partes e até fazer cortes ao vídeo. Deste modo, o vídeo pode ser facilmente manipulado e controlado pelo professor. Isto pode conferir igualmente uma exigência para o professor que deve estar contemplada na formação contínua do professor na medida em que o professor tem de escolher bem o vídeo e por sua vez os cortes ou escolha que faz ao longo do mesmo. Deste modo:

“Antes de exibir o vídeo é importante que o professor se aproprie do material, assistindo o vídeo antes para conhecê-lo, verificar a qualidade da cópia, o som, deixando o vídeo no ponto de exibição. O professor inicialmente deve realizar a desconstrução e reconstrução do produto audiovisual para então se posicionar como mediador da negociação dos significados na sala de aula.”
(Arroio, A., e Giordan, M., p.5, para.3)

PARTE II – CASOS PRÁTICOS

5. CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

5.1. PROBLEMÁTICA E QUESTÕES INICIAIS

Durante a minha licenciatura em Línguas e Culturas Estrangeiras, no final do curso tinha de elaborar um projeto, apresentá-lo e defendê-lo. Como estudantes deveríamos escolher um tema a discutir, mas que apelasse ao nosso interesse. Por esta razão surgiu-me um tema que estava intimamente ligado com uma questão que se tinha desenvolvido a partir de experiências pessoais. A experiência pessoal em questão estava relacionada com a minha afilhada, na altura com três anos, conseguir, apenas a partir da visualização de vídeos no *Youtube* em Inglês, utilizar palavras em Inglês e aprender a contar até dez em inglês com facilidade, tanto na memorização como na pronúncia.

Durante a elaboração do projeto tentei perceber a ligação entre o *Youtube*, os seus vídeos e as crianças. Tentei perceber também que tipo de conteúdo o *Youtube* tinha para oferecer no contexto infantil. No entanto, o tempo a depositar no projeto não foi o suficiente para responder a determinadas questões, sendo que também não tinha tido nenhuma experiência no “campo” como no segundo ano na PES.

Deste modo, quando durante o Mestrado em Inglês no 1ºCEB foi-me pedido, no primeiro semestre, que pensasse novamente num tema do meu interesse que seria apresentado e discutido, mas desta vez numa escala diferente, decidi que continuaria com o mesmo tema, explorando agora mais a vertente do ensino e aprendizagem de uma LE, neste caso o Inglês.

Inicialmente comecei com o título “Technology in schools and the attention span of children”, sendo que me guiei por algumas questões orientadoras, nomeadamente: Será a tecnologia capaz de alterar o nível de concentração das

crianças nas aulas? A tecnologia está a diminuir a capacidade de atenção das crianças? A tecnologia deve ser retirada de dentro das salas de aula ou introduzida? O currículo escolar está desatualizado no que toca a era moderna? Estas questões surgiram também de acordo com o que fui observando durante as aulas a que assisti durante as primeiras vinte horas de estágio que completei no primeiro semestre do Mestrado. A partir destas aulas conferi que durante uma aula de uma hora, era difícil que os estudantes estivessem completamente imóveis. Por outro lado, quando eram feitas atividades relacionadas com a tecnologia, fosse a demonstração de vídeos ou até jogos online, os alunos, por vezes, pareciam estar mais atentos e motivados. Deste modo, quis perceber o papel da tecnologia dentro da sala de aula, mais precisamente da utilização de vídeos dentro da sala de aula. Assim, durante o segundo semestre elaborei outras questões orientadoras, nomeadamente:

- Como funciona a atenção?
- Como aprendem as crianças?
- Como funciona a Internet aliada à educação? (vantagens e desvantagens)
- Aprender uma LE com recurso à Internet?

Estas questões incidiam mais sobre a ligação entre a atenção e a motivação dos alunos na aprendizagem de uma LE e o uso de recursos tecnológicos (neste caso o vídeo) dentro da sala de aula. Deste modo, o problema principal que deu origem a estas questões foi perceber de que forma a utilização de vídeos em Inglês durante as aulas de Inglês pode motivar e captar a atenção dos alunos e melhorar a sua aprendizagem da LE anteriormente referida.

Assim tornou-se importante perceber sobre determinadas características das crianças como a sua atenção e por sua vez o conceito de desatenção, também o que os motiva e o que os interessa. Para além disto, era importante perceber como o processo da aprendizagem de LE acontece na criança para perceber se os vídeos seriam uma ajuda e um complemento. E para além disto, era

importante, também, perceber onde se situa a Internet e os recursos tecnológicos no que toca a educação e ao currículo escolar atual.

5.2. ABORDAGEM METODOLÓGICA E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

No que toca à abordagem metodológica, utilizei dois tipos de abordagens: as quantitativas e as qualitativas durante a recolha de dados na PES. Sendo que cada uma terá um objetivo diferente, as abordagens quantitativas terão como objetivo obter resultados mais concretos no que toca a números para facilitar comparações. Por sua vez as abordagens qualitativas, mais interligadas com situações mais subjetivas, têm como objetivo a observação, onde, por vezes, as conclusões podem ser menos diretas e simples. Deste modo, no que toca às abordagens quantitativas elaborei um questionário final, que foi feito no final da PES. Elaborei também uma grelha a ser preenchida pelos alunos no final das minhas aulas onde estes escolhiam qual tinha sido a sua atividade favorita daquela aula.

No questionário final que elaborei, o objetivo era que cada aluno, de forma individual e anónima, respondesse a determinadas perguntas na grelha com SIM ou NÃO. As perguntas estão dirigidas para, por exemplo: a visualização de vídeos em casa, a atenção do aluno durante as aulas que utilizam o recurso ao vídeo, o interesse por parte dos alunos pela utilização destes recursos na sala de aula, a motivação dos alunos durante estas aulas, entre outras.

Deste modo, a partir deste questionário final, conseguirei fazer algumas conclusões no que toca à turma onde trabalhei, relacionadas com os temas que explorei e que podem ver discriminadas no capítulo seguinte.

A grelha a preencher pelos alunos no final das minhas aulas, tinha como principal objetivo perceber até que ponto a atividade relacionada com a visualização do vídeo era a favorita dos alunos. A partir das conclusões poderei

concluir que nem sempre o recurso tecnológico, neste caso o vídeo, traduz-se como o mais motivador e interessante para todos os alunos.

No que toca às abordagens qualitativas, elaborei uma grelha de observação que foi preenchida durante as minhas aulas pela minha colega de estágio. Esta grelha de observação tem várias questões sendo que cada uma tem uma tabela com vários níveis (de 1, sendo o menor, ao 5, sendo o nível mais elevado). O objetivo era preencher as tabelas, respondendo às questões e avaliando-as por um nível. Por exemplo, qual o nível de motivação dos alunos ao entrarem na sala de aula. Neste caso a colega podia selecionar o nível mais adequado de 1(pouco motivados) até ao nível 5 (muito motivados). Para que a definição de cada tema estivesse em consonância com as definições da colega aquando do preenchimento, para cada tema elaborei uma pequena definição do que cada um significa para mim para facilitar a avaliação por níveis da colega durante a aula. Estas definições podem ser consultadas nos anexos 11, 12, 13 e 14. Em algumas questões podem existir mais de um nível, pois podemos ter, na mesma sala, alunos com atitudes diferentes. Para além disto, no final da grelha de observação, a colega poderia também redigir um pequeno comentário com algumas explicações ou anotações importantes. Estas grelhas foram redigidas para aulas onde utilizei o recurso a vídeos, deste modo, o objetivo era perceber o efeito dos mesmos na atenção e motivação dos alunos para tecer conclusões relativamente a estes dois pontos de investigação.

Assim, escolhi aplicar estas abordagens metodológicas por entender que seriam as mais corretas no que toca à recolha de dados necessária para explorar a minha problemática. Não podendo esquecer que todas as conclusões tecidas por estas abordagens não podem ser aplicadas de uma forma global visto que foram aplicadas a uma determinada turma, num determinado espaço e tempo e recolhidas por determinadas pessoas. No entanto, é uma demonstração e uma pequena resposta a algumas questões e uma possível visão do que pode acontecer em outras turmas, outras escolas e outras cidades.

6. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

6.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO E DAS ESCOLAS

O Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro situa-se no concelho da Trofa fazendo fronteira com outros concelhos como: Santo Tirso, Vila do Conde, Maia e Vila Nova de Famalicão. O concelho da Trofa é constituído por cinco freguesias: União de Freguesias de Bougado; União de Freguesias de Alvarelhos e Guidões; Muro; União de Freguesias de Coronado e Covelas

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, Trofa, este é constituído por “(...) catorze unidades educativas(...)”. São elas: A Escola Básica e Secundária de Coronado e Castro (sede do agrupamento); A Escola Básica de Feira Nova; O Jardim de Infância de Feira Nova; A Escola Básica de FonteLeite (com educação pré-escolar); A Escola Básica de Portela (com educação pré-escolar); A Escola Básica de Vila (com educação pré-escolar); A Escola Básica do Castro; As Escolas Básicas nº1 e nº2 de Giesta; O Jardim de Infância de Giesta; As Escolas Básicas nº1 e nº2 de Cerro (ambas com educação pré-escolar); A Escola Básica de Estação (com Jardim de Infância); A Escola Básica de Querelêdo (com Jardim de Infância).

No ano letivo de 2013/2014, existiam no total 1976 crianças e alunos no Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro. Estes alunos encontram-se subdivididos por diversos níveis de ensino.

No Projeto Educativo do Agrupamento, podemos, também, encontrar elencados os pontos fortes e os pontos fracos do agrupamento:

Pontos fortes:

- “Baixa taxa de abandono escolar”;
- “Estabilidade do corpo docente”;
- “Verificação de cumprimento de programas curriculares”.

Pontos fracos:

- “Resultados nas Línguas Estrangeiras”;
- “Insuficiência da formação disponibilizada aos docentes”;
- “Dificuldade no acesso por parte dos docentes do pré-escolar e do 1ºCEB a computadores e falta de formação sobre quadros interativos”;

6.2. CARACTERIZAÇÃO ESPAÇO ESCOLAR

Antes de caracterizar a turma é importante caracterizar o espaço envolvente, ou seja, o espaço escolar. Este pode ter determinadas características que influenciam os alunos, os docentes e a comunidade escolar geral de forma positiva e negativa.

Com a intenção de manter o sigilo e não quebrar nenhuma regra de privacidade, irei atribuir um novo nome à escola onde decorreu a minha PES, será a Escola A. Deste modo, e durante a redação deste documento, irei referir-me a este espaço escolar como Escola A.

A Escola A é constituída por dois pisos, sendo detém constituída por quatro salas de aula do primeiro ciclo, uma sala para o jardim de infância, uma biblioteca, um refeitório, uma sala dos professores e um espaço de recreio exterior, com campo de jogos e um espaço de recreio interior.

Ambos os espaços de recreio, interior e exteriores, são de grandes dimensões, suficientemente amplos para o número de alunos e crianças que frequentam a escola. No que toca às salas, a sala dos professores é reduzida para a quantidade de docentes na escola. As salas de aula são suficientemente grandes para a quantidade de alunos, sendo que estes encontram-se devidamente organizados

em secretárias individuais. Em todas as salas o professor tem uma secretária. As salas de aula estão também equipadas com ar condicionado o que ajuda no equilíbrio do ambiente dentro da sala de aula. Os quadros das salas de aula são de giz, sendo que em todas existe um quadro interativo com projetor e um computador associado ao mesmo. De sublinhar que a utilização do quadro de giz tornou-se difícil por vezes no que toca à sua utilização para colar *flashcards* ou outro tipo de recursos que fossem para a visualização de todos os alunos. No entanto, em algumas salas o projetor não está pendurado e tem de ser ligado e montado aquando da sua necessidade sendo que isto decorre no começo da aula tomando algum tempo da mesma. Para além disto, é de salientar o posicionamento do quadro interativo na sala do 4º ano onde trabalhei, pois, a sua disposição não facilita o trabalho do docente. Isto porque, o quadro de giz encontra-se numa parede, e as secretárias dos alunos encontram-se viradas para esse quadro, no entanto, o quadro interativo encontra-se na parede oposta, e do lado esquerdo da sala. Deste modo, sempre que era necessário utilizar o quadro interativo, os alunos tinham de se reorganizar, e alguns tendo mesmo que sair das suas secretárias por não conseguirem ver o quadro interativo dos seus lugares visto que este não se encontra centrado com a disposição das secretárias.

Algo que também não ajudava tanto na utilização do quadro interativo e por sua vez do projetor e também na criação de um determinado ambiente dentro da sala de aula, é a falta de estores opacos que limitassem a quantidade de luz natural a incidir do exterior. Por vezes era difícil ver para o quadro interativo devido à quantidade de luz presente na sala de aula, e quando realizei uma aula em modo *escape room* interligada com o *Halloween*, foi difícil criar um ambiente escuro para desenvolver a atividade.

A ligação à Internet nunca provocou grandes conflitos ou problemas, foi quase sempre possível utilizar recursos online (como vídeos no *youtube* e jogos interativos no *Kahoot*) sem paragens ou interrupções.

6.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Depois da caracterização do espaço, é então, importante caracterizar a turma em destaque. A turma, do 4º ano, caracteriza-se por 24 alunos, sendo 11 rapazes e 13 raparigas. Na turma as idades rondam os 7 e os 8 anos, sendo que 12 dos alunos tem 8 anos e os restantes 12 tem 7 anos.

Para esta caracterização pensei ser importante referir alguns dados relativos á avaliação dos alunos da turma em questão durante o 3º ano na disciplina de Inglês. Devemos ter sempre em conta as experiências e conhecimentos passados dos alunos para perceber determinados comportamentos ou resultados atuais. Assim, os alunos foram avaliados em diferentes parâmetros como: Compreensão oral; Expressão oral; Compreensão escrita; Expressão escrita e por último: Aplicação de conhecimentos. Estes parâmetros foram avaliados a partir de vários níveis: Muito Bom; Bom; Suficiente e Insuficiente. Tendo apenas dados do 1º e 2º períodos do terceiro ano passo a fazer um pequeno resumo destes dois períodos no que toca a estes parâmetros de avaliação da turma.

Para uma leitura mais facilitada criei gráficos para cada parâmetro que podem ser consultados nos anexos 6 e 7.

No primeiro período na disciplina de Inglês os alunos demonstraram (de notar que são 23 alunos):

- Compreensão Oral: Muito Bom e Bom (83% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (17% dos alunos);
- Expressão Oral: Muito Bom e Bom (83% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (17% dos alunos);
- Compreensão Escrita: Muito Bom e Bom (56% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (43% dos alunos);

- Expressão Escrita: Muito Bom e Bom (74% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (26% dos alunos)
- Aplicação de Conhecimentos: Muito Bom e Bom (70% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (30% dos alunos).

No segundo período (de notar que neste estão 24 alunos):

- Compreensão Oral: Muito Bom e Bom (88% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (12% dos alunos);
- Expressão Oral: Muito Bom e Bom (79% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (21% dos alunos);
- Compreensão Escrita: Muito Bom e Bom (83% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (17% dos alunos);
- Expressão Escrita: Muito Bom e Bom (71% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (29% dos alunos)
- Aplicação de Conhecimentos: Muito Bom e Bom (63% dos alunos) e Suficiente e Insuficiente (37% dos alunos).

Os alunos apresentaram nos dois períodos, boas percentagens no que toca aos parâmetros aqui elencados. No entanto, é de notar que a compreensão escrita apresentou ser alvo de maiores dificuldades no primeiro período, no segundo período a percentagem já aparece diferente e melhorada. A aplicação de conhecimentos parece também ser alvo de percentagens um pouco mais baixas. Como não estive presente durante a ocorrência destes períodos no terceiro ano será difícil elencar razões para estes resultados. Estes servem para explorar um pouco mais a turma mencionando os seus resultados em anos anteriores na disciplina de Inglês que podem, ou não, influenciar os anos seguintes.

No que toca à personalidade da turma, esta era em geral sempre ativa e participativa. Tinham facilidade em utilizar diversos recursos (jogos online, vídeos, flashcards), no entanto, por vezes tornavam-se demasiado competitivos

o que por vezes era positivo e outras negativo. Nomeadamente nos jogos em equipa, a turma tinha tendência em partir para comentários menos positivos relativamente uns aos outros desviando o foco principal do jogo. Durante a visualização dos vídeos questionavam sempre o que se passava e procuravam saber mais. Quando eram precisos voluntários muitos alunos voluntariavam-se rapidamente. Sendo que, por vezes repetiam-se os mesmo alunos. Em geral, a turma funcionava bem como um todo, pareciam partilhar todos uma amizade sincera. Às vezes era difícil pedir aos alunos mais participativos para darem a sua vez a outros.

6.4. RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Tal como mencionado no capítulo das abordagens metodológicas, utilizei abordagens de ordem quantitativa e qualitativa durante a recolha de dados da PES. A partir dos dados que recolhi posso tecer algumas conclusões relativamente ao meu tema de interesse, mas numa realidade específica, ou seja, aplicáveis a uma turma específica de um local específico com influências próprias daquela zona, entre outras. Deste modo, as conclusões tecidas por mim serão todas tidas em conta como dificilmente aplicáveis de forma global e abrangente, mas podem responder a algumas questões iniciais e levantar outras importantes naquilo que deve ser um processo educacional em constante mudança e atualização para com o mundo atual.

No ponto 3.2 (A Motivação e a Memória), refiro alguns autores como Lourenço, A., e Paiva, M., (2010) que mencionam a importância da motivação na aprendizagem:

“Não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender e atribui significado ao aprendido.” (cap.4, p.139, para. 1)

Deste modo, a motivação deve estar presente no processo de aprendizagem para que o aluno esteja atento e para que mais do que isso, se interesse pelo tema que estuda. Ora a motivação está intimamente ligada com coisas positivas e coisas de que gostamos e que nos agradam, assim, pensei que seria importante perceber se o vídeo se caracterizava como algo do gosto dos alunos e que os motivava durante as aulas, ou se existiam outras atividades que acabavam por se sobrepor aos vídeos. Para perceber isto, elaborei uma ficha para ser preenchida pelos alunos no final de cada aula, onde estes podiam, com um carimbo, selecionar a atividade favorita da aula ou atividade que tinham gostado menos. No entanto, fiz apenas duas fichas em duas aulas.

Ficha de atividades nº 1

A primeira aula foi no dia 5 de novembro de 2019, o tema trabalhado na aula foi: School Activities. Esta aula teve 3 atividades diferentes: um vídeo, um jogo com dados e uma worksheet. Nesta aula estavam presentes todos os alunos (24 alunos). Esta ficha pode ser consultada no anexo 9.

O vídeo utilizado tem uma personagem feminina que durante o mesmo faz diversas atividades e diz frases do gênero: “I like playing the guitar in music class.” (eu gosto de tocar guitarra na aula de música). No final do vídeo há uma pequena recapitulação para os alunos lembrarem o vocabulário trabalhado. De notar que o vídeo trabalha segmentos gramaticais como a frase anteriormente mencionada, introduzindo o “I like” e interligando a atividade praticada com a parte da escola onde acontece. Para além disto, o vídeo demonstra como cada atividade se caracteriza, sendo que no decorrer da aula estas foram acompanhadas com gestos ensinados aos alunos para da atividade.

Na segunda atividade, o jogo com os dados tratou-se de um jogo de drilling, sendo que o objetivo era a repetição do vocabulário aprendido para uma melhor

memorização do mesmo e para o posterior “teste”. Com dois dados, e dividindo a turma em dois, duas equipas e consoante o número que aparecia no dado, os alunos teriam de fazer uma das atividades escolares trabalhadas e previamente numeradas. Entretanto, outro aluno lançava um segundo dado e este atribuía o número de vezes que teriam de repetir a atividade da escola. Este jogo foi feito com ritmo, por vezes os alunos tinham de repetir mais depressa, outras vezes mais devagar, outras vezes no tom mais baixo, entre outras. Por último, a worksheet tinha o objetivo de testar o vocabulário apresentado e trabalhado durante a aula.

Perante estas atividades, na ficha elaborada por mim e entregue no final da aula com a afirmação: “Coloca uma cruz na tua atividade favorita da aula” e entregue no final da aula o resultado pode ser consultado no anexo 4. Deste modo, o vídeo foi selecionado por grande parte da turma como a atividade favorita da aula. De notar que durante a aula, nomeadamente durante o jogo com os dados os alunos estavam participativos e atentos, estes demonstravam ouvir as ordens dadas por mim, esperavam para lançar os dados e viam atentamente o decorrer do jogo para a outra equipa. Deste modo, fiquei surpreendida por ver o vídeo como a favorita, pois do que observei os alunos pareciam mais ativos, motivados e atentos na segunda atividade. Assim, podemos concluir que talvez a motivação possa não transparecer para o exterior da mesma forma todas as vezes e mesmo que os alunos estejam mais empenhados numa atividade podem gostar mais de uma outra.

Ficha de atividades nº2

A segunda aula foi no dia 8 de novembro de 2019. Nesta aula foram feitas apenas duas atividades (Jogo com mata-moscas e uma atividade com fotos dos alunos), não existiu tempo para uma terceira. Esta aula tinha como tema a continuação da aula passada: School Activities. Nesta aula estavam presentes 21 alunos de 24. Esta ficha pode ser consultada no anexo 10.

Na primeira atividade coloquei um mapa de uma escola no quadro, com as diversas partes da escola, dividi a turma em dois e pedi que cada equipa

selecionasse dois alunos. Cada equipa tinha então no quadro dois alunos, um com um mata-moscas na mão e outro mais ao lado para anotar os pontos e verificar o jogo do colega. Eu tinha folhas impressas com as atividades escritas como por exemplo “Playing football”, a turma teria de ler a frase em voz alta para os colegas em jogo, estes com o mata-moscas deviam, rapidamente, tocar na parte da escola onde aquela atividade era feita.

Na segunda atividade, imprimi as fotos dos vários alunos da turma, depois distribuí pelos mesmos, sendo que a cada um calhavam colegas diferentes, e o objetivo era que cada um escrevesse várias frases com as atividades da escola e as respetivas partes da escola, mas com as fotos dos colegas, por exemplo “ I play football in the playground with him”, de seguida colocavam a foto de um colega (neste caso do sexo masculino). Este exercício trabalhava também os pronomes pessoais.

Perante estas atividades, na ficha elaborada por mim com a afirmação: “Coloca uma cruz na atividade que menos gostaste hoje” o resultado pode ser verificado no anexo 5.

Nesta aula, a atividade que menos gostaram foi a primeira o que foi se tornando claro à medida que o jogo evoluía. As equipas tiveram alguma dificuldade durante o jogo e por vezes não eram rápidas o suficiente ou cometiam erros, deste modo, o desagrado dos alunos perante a atividade que inicialmente os motivou, rapidamente tornou-se demasiado competitiva e o foco do jogo alterou-se. A segunda atividade criou empatia com os alunos por poderem utilizar as suas fotos, as fotos dos colegas e até a minha foto. Deste modo, o exercício tornou-se mais aplicado à realidade, pois as atividades que fazem diariamente na escola fazem na companhia dos colegas de turma. Para além disto esta atividade tinha o fator surpresa, visto que estes não tinham conhecimento das fotos. Nesta aula não utilizei vídeos e decidi fazer a ficha na mesma para tecer algumas conclusões perante outro tipo de atividades.

Embora, normalmente, os jogos pareçam motivar mais os alunos, muitas vezes por causa da competitividade implicada nos mesmos, a realidade é que isso tornou-se um grande inimigo do jogo durante a primeira atividade. A

segunda atividade acabou por despertar o interesse dos alunos por ser um pouco diferente e por utilizar algo que estes conhecem bem, os colegas da turma. Talvez devamos considerar o fator surpresa e o fator empatia como contribuintes para a motivação dos alunos durante a aprendizagem.

Para além destas fichas, elaborei também um questionário final com dez perguntas com resposta SIM e NÃO a ser preenchido pelos alunos. Este questionário foi respondido por 23 alunos, num total de 24, sendo que um estava ausente.

Questionário Final:

As afirmações e questões presentes no questionário final foram elaboradas com o objetivo de perceber mais sobre os gostos individuais dos alunos no que toca à visualização de vídeos, à relação deles com os vídeos, perceber se o aluno tem conhecimento do impacto positivo dos vídeos na sua aprendizagem. Estes questionários podem ser consultados no anexo 15.

Na primeira afirmação: “VEJO VÍDEOS EM CASA”, o resultado pode ser consultado no anexo 8A. Quase a totalidade dos alunos responderam que veem vídeos em casa, ora isto pode acontecer por diversas razões, pela existência de dispositivos eletrónicos em casa por parte dos educandos, e por sua vez de Internet, por partilha por parte de irmãos mais velhos de vídeos e de dispositivos eletrónicos, entre outros.

Na segunda afirmação: “VEJO VÍDEOS EM INGLÊS”, o resultado pode ser consultado no anexo 8B. Mais uma vez, grande parte da turma respondeu que sim. Atualmente não é difícil visualizarmos vídeos no *Youtube*, em outras línguas e muitos alunos fazem-no até quando ouvem música ou quando estão a ver tutoriais de jogos.

Na terceira afirmação: “GOSTO DE VER VÍDEOS NAS AULAS”, o resultado pode ser consultado no anexo 8C. Novamente grande parte dos alunos diz que sim. De qualquer forma, não podemos ignorar que no meio da maioria, 17.39% dos alunos da turma não gostam de ver vídeos na aula. Assim, não podemos aplicar sempre a mesma fórmula a uma turma apenas porque a maioria gosta,

ou por pensar que a totalidade gosta e sente-se motivada. Embora os vídeos possam ser fonte de motivação para alguns alunos, para outros podem ser o aposto e devemos ter isso em conta. Para além disto, nesta turma a percentagem de alunos pode ser esta, mas numa outra turma podemos ter o inverso.

Na quarta afirmação: “APRENDO MELHOR QUANDO VEJO A MATÉRIA NUM VÍDEO”, o resultado pode ser consultado no anexo 8D. 73.91% dos alunos dizem que sim, deste modo, de todas as vezes ou quase todas as vezes que o vídeo foi utilizado para introduzir, ou constatar o vocabulário a ser trabalhado, estes alunos sentiram que o aprenderam melhor. Podemos concluir que talvez os alunos sintam que memorizam mais facilmente o vocabulário ou percebem melhor e mais rapidamente a ligação entre palavra e o seu significado através dos vídeos, entre outros.

Na quinta afirmação: “ESTOU MAIS ATENTO QUANDO VEJO VÍDEOS NA AULA”, o resultado pode ser consultado no anexo 8E. Surpreendente, a maioria (52.17%) disse que não, os restantes (47.82%) disseram que sim. Embora sejam dados a ter em conta, talvez fosse necessária uma explicação da palavra atenção para com os alunos, deste modo perceber se a definição de atenção é a mesma do que a minha. Por vezes os alunos pensam que quando falam durante os vídeos isso pode significar falta de atenção, no entanto, por diversas vezes estes estão a discutir pormenores do vídeo, questões que o vídeo levanta ou comentários de empatia relativamente ao que acontece no vídeo e de como é semelhante ou não à sua realidade.

Na sexta afirmação: “NO FINAL DO VÍDEO, APRENDO A MATÉRIA COM MAIS FACILIDADE”, o resultado pode ser consultado no anexo 8F. A grande maioria da turma disse que sim. Podemos concluir que os alunos talvez estejam a pensar que quando após a visualização do vídeo estão a anotar o vocabulário e o seu significado tem mais facilidade em o compreender, em o ler, em o entender na sua forma auditiva e até mesmo em o escrever, visto que todas estas formas são trabalhadas nos vídeos.

Na sétima questão: “GOSTO QUE DURANTE UMA AULA A(O) PROFESSORA(O) UTILIZE VÁRIOS RECURSOS

(VÍDEOS/JOGOS/CARTÕES COM IMAGENS/MÚSICAS?)”, o resultado pode ser consultado no anexo 8G.

91.30% dos alunos disseram que sim. À semelhança da afirmação: gosto de ver vídeos nas aulas, percebemos que a maioria dos alunos gostam da utilizam destes recursos, assim podemos concluir que se sentem mais motivados quando sabem que vão ver um vídeo na aula ou ouvir uma canção, entre outros recursos.

Na oitava afirmação: “APRENDI ALGUMAS PALAVRAS EM INGLÊS EM CASA A PARTIR DE VÍDEOS/JOGOS EM INGLÊS”, o resultado pode ser consultado no anexo 8H. A grande maioria dos alunos disse que sim. Este resultado não me surpreendeu porque, durante as aulas, alguns alunos conheciam determinadas palavras em Inglês que não tinham sido trabalhadas dentro da sala de aula. Alguns alunos afirmavam conhecer as palavras a partir de jogos como por exemplo o *Fortnite*, de aplicações do telemóvel com jogos didáticos que testam o Inglês e que acabavam por apresentar vocabulário novo às crianças que com o tempo acabavam por decifrar o seu significado.

Na nona afirmação: “SINTO-ME MAIS MOTIVADO QUANDO VEJO UM VÍDEO NA AULA”, o resultado pode ser consultado no anexo 8I. Apenas 21.73% dos alunos disse que não. Assim, podemos concluir que o facto da maior parte dos alunos gostarem de vídeos e da utilização dos mesmos dentro da sala de aula significa que estes também se sentem motivados durante os mesmos. Mais uma vez verificamos a ligação entre interesse e motivação.

Na última e décima afirmação: “LEMBRO-ME DAS PALAVRAS OU FRASES TRABALHADAS NA AULA COM MAIS FACILIDADE SE APARECEREM NUM VÍDEO”, o resultado pode ser consultado no anexo 8J. Um pouco mais equilibrado, 69.56% dos alunos disseram que sim, de notar que um aluno não respondeu à afirmação, provavelmente por esquecimento. Esta afirmação interliga a motivação já anteriormente mencionado com a memória. Deste modo, conseguimos concluir que quando o vocabulário surge num vídeo parece ter mais impacto, de forma escrita, oral, na aprendizagem do mesmo. Isto talvez se deva pela forma como o vídeo está caracterizado, pelas personagens, as vozes, as cores, a história, o ritmo, entre outros.

A partir destes resultados, parece ser fácil concluir que nesta turma grande parte dos alunos veem os vídeos como algo positivo seja dentro ou fora da sala de aula. Grande parte deles parece ter experiências exteriores à sala de aula com vídeos e, talvez, daí desenvolver uma relação de proximidade com os mesmos. No entanto, é importante sublinhar como já anteriormente mencionado neste capítulo, que os alunos podem ter diferentes definições de determinados termos aplicados neste questionário tal como a atenção. Foi nomeadamente na afirmação nº5 “Estou mais atento quando vejo vídeos na aula” em que os alunos responderam na sua maioria (52%) que não. O que significa atenção para as crianças? Será que percebem as vantagens dos vídeos na sua aprendizagem? Será importante que tenham essa consciência? Penso que o mais importante a retirar deste questionário é perceber que existe um grande envolvimento por parte dos alunos no recurso tecnológico que é o vídeo. Por esta razão, parece ser lógico aplicar dentro da sala de aula recursos já conhecidos dos alunos e com os quais os alunos estão habituados a trabalhar e pelos quais sentem empatia e interesse. Por último, no que toca à recolha de dados, elaborei, como já mencionado anteriormente, grelhas de observação que foram preenchidas durante as minhas aulas pela minha colega de estágio.

Grelhas de Observação:

Estas grelhas de observação foram construídas para que a colega conseguisse, de alguma forma, selecionar o nível onde os alunos se encontravam durante a aula relativamente a alguma coisa. Para além disto, em cada tabela foi colocado o significado de diversos temas como a motivação, a atenção para que a colega tivesse uma ideia da minha perspectiva no que toca a esses elementos e os tivesse em conta ao preencher as tabelas. Elaborei estas grelhas, pois seria difícil estar na aula como professora e observadora, deste modo deixei esse segundo papel para a minha colega, no entanto, fui fazendo algumas observações mentalmente durante a aula que depois confrontei com as da minha colega. Para facilitar o entendimento do funcionamento das grelhas de

observação vou passar a descrever as quatro que foram feitas e tecer algumas conclusões acerca das mesmas.

Grelha de Observação nº 1

A primeira grelha de observação foi preenchida na aula do dia 6 de novembro de 2019 e pode ser consultada no anexo 11. A aula em questão tratou do tema “House parts and objects”. Nesta grelha de observação temos três tabelas sendo que cada uma pode ser respondida entre do nível 1 ao nível 5. Por exemplo, na primeira questão “Quando perceberam que a professora ia mostrar um vídeo demonstraram mais interesse e atenção?”. Esta questão retoma o momento em que eu comunicava aos alunos que estes iam ver um vídeo no início da aula. O objetivo da questão era perceber se o vídeo e o facto de irei ver um vídeo motivou os alunos de alguma maneira ou se despertou alguma atenção deixando-os com mais expectativas positivas para o resto da aula. A colega seleccionou o nível 2 – “Alguns estão interessados”, e ainda acrescentou um comentário feito por um aluno: “Outra vez?”. Concordo com a escolha do nível na pergunta número um pois os alunos não ficaram muito surpreendidos e por sua vez, interessados não utilização repetida de um vídeo. Deste modo, a turma não demonstrou ficar muito motivada pela demonstração do vídeo, talvez por acontecer em muitas aulas e já ser previsível por parte dos alunos, tirando assim um pouco do entusiasmo.

Na segunda pergunta “Durante a visualização do vídeo os alunos pareciam lembrar-se dos gestos das partes da casa?”. O objetivo da pergunta era perceber se a partir do vídeo que já tinha sido demonstrado na aula anterior, os alunos lembravam-se dos gestos que tinham aprendido. A colega seleccionou o nível 4 – “A turma parecia no geral atenta e participativa”. Concordo com a escolha do nível na pergunta número 2, pois a maior parte dos alunos lembrava-se dos gestos embora não os pareciam fazer com muito entusiasmo.

Neste caso, podemos deduzir que os alunos na sua grande maioria se lembravam dos gestos e por essa razão estavam participativos durante a

visualização do vídeo. Embora o vídeo, inicialmente, não tenha provocado grande entusiasmo, os alunos mantiveram-se de alguma maneira interessados.

Na terceira e última pergunta “Após o vídeo os alunos estavam mais desatentos ou focados em continuar a aula?”. O objetivo era qual era o estado de espírito da turma após a visualização do vídeo, se é um momento mais frenético e elétrico na aula e se depois esse ritmo os alunos estão mais dispersos e desatentos ou se estão mais focados no que vem a seguir.

Para esta questão a colega assinalou o nível 3 – “Grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo”. Concordo com a escolha do nível na pergunta número 3 pois a turma teve dificuldade em se acalmar depois do vídeo por estarem a comentar sobre o mesmo o que não considero algo negativo. Deste modo, parece que embora a turma possa parecer um pouco agitada, está a comentar e a falar acerca do vídeo o que é algo positivo visto que esse é também um objetivo a alcançar durante uma aula, o questionar e o provocar comentários e opiniões nos alunos.

No final da grelha de observação, a colega deixou um comentário: “Alguns alunos acharam estranho estarem a ver o mesmo vídeo, mas participaram na mesma e com mais empenho.” Assim, inicialmente o vídeo pareceu não provocar entusiasmo talvez por ser o mesmo da aula passada, no entanto, os alunos lembravam-se com facilidade dos gestos trabalhados na aula anterior. Para além disto, os alunos pareciam estar a comentar ativamente sobre o vídeo. O recurso utilizado foi importante para retomar matéria anteriormente trabalhada, deste modo podemos ver a importância que o vídeo em questão revelou na memória dos alunos. Talvez se a introdução da matéria nova tivesse sido feita a partir de um texto, os alunos teriam mais dificuldade em se recordarem do vocabulário na aula seguinte. O vídeo complementa em si diversas características apelativas ao aluno que aqui pareceram surtir efeito.

Grelha de Observação nº2

A segunda grelha foi preenchida no dia 12 Novembro de 2019 e pode ser consultada no anexo 12. A aula em questão era sobre o tema “The time”. Esta grelha é composta por 6 questões/afirmações.

Na primeira questão “Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos?”, o objetivo de perceber qual era o estado de espírito dos alunos ao entrarem na sala, estes podem estar afetados por motivos exteriores à aula e à escola o que pode afetar o resto da aula. Era importante perceber também se esse estado de espírito ia se alterando durante a aula ou não. A colega selecionou dois níveis, pois podemos ter, numa turma de 24 alunos, vários tipos de reação ou estados de espírito, assim sendo, a colega selecionou o nível 3 – “Grande parte da turma parece motivada” e o nível 4 – “Grande parte dos alunos tentam adivinhar o tema da aula a partir do lead in”. Concordo com o nível escolhido na primeira pergunta, pois grande parte da turma parecia animada e muitos alunos quiseram adivinhar o tema do lead in.

Importante esclarecer que aqui a motivação estava intimamente ligada com o facto de os alunos estarem curiosos com a aula e principalmente devido ao lead in utilizado no início da aula com o som do relógio. Assim, a turma parecia, em geral, estar motivada e interessada no início da aula.

Na segunda questão “Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos?”, o objetivo era perceber se o vídeo despertava algum interesse nos alunos e por sua vez captava de alguma forma a sua atenção fosse através de questões que iam surgindo, de conversarem entre si acerca do vídeo. A colega selecionou o nível 3 – “Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo”. Na pergunta número 2 penso que selecionaria o nível 2 pois alguns alunos estavam em conversa com os colegas do lado, mas não a maioria, a maioria acabou por ir colocando em voz alta, questões para a turma toda.

Durante a visualização do vídeo os alunos questionaram muitos pormenores do vídeo. O vídeo tinha um menino que mostrava a sua rotina diária ao mesmo

tempo que dizia o tempo. Algumas coisas do vídeo foram questionadas como o facto de o boneco estar a tomar banho ainda vestido, estar a ler um livro em branco e estar a jantar às seis da tarde.

Na terceira questão “Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo?”, o objetivo era perceber se os alunos conseguiam deduzir o que se passava no vídeo e do que é que o vídeo se tratava. Assim percebendo se a partir do vídeo o tema da aula pode ser introduzido mais facilmente aos alunos. A colega selecionou o nível 4 – “Para além de conseguirem associar os dois temas, conseguiam identificar-se”. Concordo plenamente com o nível escolhido na pergunta número 3, pois a maioria dos alunos comparou coisas da sua vida pessoal com o vídeo. Deste modo, os alunos foram capazes de associar o tema do tempo com o das rotinas e perceber a sua interligação e para além disso conseguiram criar empatia com o vídeo, pois perceberam que também faziam algumas rotinas que lá apareciam ou até que não as faziam da mesma maneira, ou aquela hora.

Na quarta questão “Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos”, o objetivo era perceber se estes se mantinham interessados mesmo depois do vídeo e se permaneciam atentos ao mesmo tema e a continuar a trabalhar. A colega selecionou o nível 2 – “Alguns estão interessados”. Na pergunta 4 selecionaria entre o nível 2 e o 3 pois penso que na altura alguns alunos comentaram acerca do vídeo, mas todos pareciam interessados. Deste modo, talvez o nível de entusiasmo e motivação tenha descido um pouco depois da visualização do vídeo.

Na quinta questão “E relativamente à atenção”, o objetivo era perceber o mesmo que na questão anterior, mas relativamente á atenção. A colega selecionou o nível 3 – “A maior parte da turma atenta, no entanto, demora mais algum tempo para se calar”. Em seguimento da questão anterior, concordo com o nível escolhido na pergunta número 5, pois por estarem interessados no vídeo tiveram mais dificuldade em se acalmarem. Deste modo, podemos deduzir que a turma podia ainda estar um pouco dispersa ainda com questões relativas ao vídeo e as suas próprias rotinas e por essa razão demorar mais algum tempo para se focar na atividade seguinte da aula.

Na sexta questão “Quando questionados sobre as horas e as rotinas que apareciam no vídeo, os alunos eram capazes de se lembrarem do que tinha aparecido no vídeo?”, o objetivo era perceber se os alunos tinham retido alguma coisa do vídeo e se agora o podiam aplicar para trabalhar o tema. A colega selecionou o nível 4 – “Alguns alunos eram capazes de se lembrarem da rotina e da hora correspondente a essa rotina”. Na pergunta 6 selecionaria 2 níveis, o nível 3 o nível 4, pois alguns alunos conseguiam recordar-se das rotinas e das horas, mas não qual correspondia a, qual. Deste modo, durante a aula os alunos conseguiam dizer que a personagem do vídeo se levantava, por exemplo, às 8 da manhã ou que comia o pequeno-almoço às 9 da manhã. O importante era perceber o impacto do vídeo na memória dos alunos.

No final a colega deixou dois comentários:

“Antes de se pôr o som do relógio, a grande parte da turma não estava motivada; após o som, muitos mais alunos se mostraram motivados e a querer participar.”

“Eles estavam atentos ao vídeo, contudo colocavam questões constantes sobre o que se passava no vídeo. Alunos como a (anonimato) e a (anonimato) estavam extremamente atentas; A (anonimato) e a (anonimato) estavam a falar, mas sobre o vídeo)”

A partir destes comentários posso concluir que o lead in que fiz na aula em que coloquei apenas o som de um relógio nas colunas e pedi que eles adivinhassem o tema da aula, embora pequeno e curto, foi o suficiente para os deixar motivados. O vídeo na íntegra foi alvo de diversas questões que por vezes se afastavam do tema principal, mas que eram compreensíveis.

Assim, esta aula acabou por ser das mais interessantes pela interação e questionamento que foi surgindo durante a visualização do vídeo. O vídeo tornou-se um meio de transmissão cultural, que fiz questão de sublinhar durante a aula em resposta a algumas questões. Quando questionada sobre a hora a que o menino do vídeo jantava respondi que existiam diversas culturas no mundo com diferentes hábitos. Para além disto reforcei que não deveriam

ver aquilo como algo negativo ou errado apenas por ser diferente do nosso dia a dia, durante a vida vão experienciar culturas diferentes que podem causar estranheza inicial, mas devem ser compreendidas. Para além disto, o vídeo acabou por introduzir o tema contextualizado o que facilita a aprendizagem da criança. Nesta aula o vídeo foi muito mais do que um introdutor de vocabulário novo, mas também um introdutor de hábitos diferentes o que nos aproxima da realidade que vivemos sendo isto, na minha perspetiva, muito positivo na aprendizagem da criança principalmente de uma LE que está espalhada por diversos países com características culturais diferentes.

Grelha de Observação nº 3

A terceira grelha de observação foi preenchida no dia 10 de janeiro de 2020 e pode ser consultada no anexo 13. Esta aula teve como tema: “Around Town”. Esta grelha tem 6 questões.

Na primeira questão: “Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos”, o objetivo era perceber qual era o estado de espírito dos alunos ao entrarem na sala tal como em grelhas anteriores. A colega selecionou o nível 1 – “Pouco”. Na primeira pergunta selecionaria o nível 1 e 2, pois embora os alunos estivessem com sono e com frio existem sempre alguns alunos mais despertos e dispostos a participar na aula. Deste modo, os alunos pareciam vir do exterior, cansados e pouco focados ou curiosos com o início da aula.

Na segunda questão: “Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos?”, o objetivo era, mais uma vez, perceber como os alunos se comportavam durante o vídeo. A colega selecionou o nível 3 – “Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo”. Na segunda pergunta concordo com o nível escolhido, pois os alunos tiveram atentos durante o diálogo entre as várias personagens. Neste caso, mais uma vez os alunos comentam sobre o vídeo.

Na terceira questão: “Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo?”, o objetivo era perceber se os alunos conseguiam deduzir o tema presente no vídeo. A colega selecionou o nível 4 – “Conseguiram perceber o que

se passava no vídeo a partir das imagens e do diálogo mesmo quando não traduzido pela professora”. Na terceira questão concordo com o nível classificado, pois os alunos tiveram uma grande facilidade em perceber o contexto do diálogo. Deste modo, o vídeo introduziu o tema com as suas características independentemente de os alunos nunca terem ouvido expressões que lá apareciam.

Na quarta questão: “Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos”, a colega selecionou o nível 3 – “Grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo”. Na quarta questão concordo com o nível escolhido, pois os alunos pareciam muito interessados em conversar sobre o tema entre eles. Portanto, tal como durante o vídeo teciam comentários, também o fazem depois da sua visualização.

Na quinta questão: “E relativamente à atenção?”, a colega selecionou o nível 4 – “A turma parece no geral atenta e participativa depois do vídeo”. No entanto, na questão número 5 selecionaria o nível 3 e o 4, pois embora tivessem atentos alguns alunos tiveram mais dificuldade em parar e falar do tema em questão. Deste modo a turma parece, na atividade seguinte, continuar motivada e interessada e por sua vez atenta e participativa.

Na sexta e última questão: “Quando questionados sobre o vocabulário que aparecia no vídeo, os alunos eram capazes de se lembrarem do que tinha aparecido no vídeo?”, o objetivo mais uma vez, era perceber a ligação entre a memória dos alunos e o que tinha aparecido no vídeo, percebendo o impacto de um no outro. A colega selecionou o nível 3 – “Alguns recordavam-se e sabiam o significado ou tradução”. Nesta questão selecionaria dois níveis, o 2 e o 3, pois alguns alunos lembravam-se de palavras soltas do vocabulário, mas não sabiam a sua tradução. Deste modo os alunos quando estavam no processo de cimentar o conhecimento introduzido no vídeo, recordavam-se de vocabulário que lá aparecia e até do que este significava. O vídeo fez, aqui, um bom trabalho a introduzir um novo tema na aula.

No fim a colega deixou alguns comentários:

“Devido à aula ser às 9 da manhã e estar bastante frio, foi um dos dias em que a turma se mostrou mais prostrada.”

“Apesar de não haver possibilidade de se terminar de ver o vídeo, os alunos mostravam-se interessados e já com alguns conhecimentos.”

“Mostraram-se bastante entusiasmados”

“Mostraram-se com vontade de dizer o que sabem.”

“O facto de ter perguntado antes “o que há na aldeia/cidade” de cada um, fez com que se associassem mais ao vídeo.”

Nesta aula houve um fator exterior que acabou por afetar um pouco o desempenho dos alunos no início da aula. Esta aula começava às nove da manhã a uma sexta-feira, de notar que estava muito frio nesta altura. Embora tenha tentado introduzir o tema e questionar os alunos sobre os locais onde moram para criar logo uma ligação entre os alunos e o tema, poucos alunos foram participando, menos alunos do que o habitual. Deste modo, parecia mais difícil conseguir dar energia aos alunos. No entanto, quando foi demonstrado o vídeo que pertencia ao manual os alunos pareceram despertar mais um pouco. Mesmo assim, o vídeo não foi mostrado na íntegra por falha da Internet e este vídeo demonstrava um diálogo entre três personagens que estava presente no manual da mesma forma, no vídeo era possível ouvir as personagens e alguns barulhos de fundo. Deste modo, não existia grande movimento no vídeo e este era igual às imagens do manual. O que, na minha perspetiva, não se tornou muito atrativo para os alunos ou surpreendente. De qualquer maneira, os alunos eram capazes de se lembrarem do vocabulário que aparecia no vídeo.

Grelha de Observação nº 4

A última grelha foi preenchida no dia 17 de janeiro de 2020 e pode ser consultada no anexo 14. O tema que foi tratado nesta aula foi: “Prepositions of place. Esta grelha de observação tem 6 questões.

Na primeira questão: “Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos?”, a colega escolheu o nível 2 – “Alguns estão interessados”. Na primeira

questão concordo com o nível escolhido, pois os alunos à sexta de manhã encontram-se mais cansados, com sono e frio e têm mais dificuldade em estarem despertos e por sua vez, interessados. Deste modo, o lead in que foi utilizado nesta aula, um vídeo sem som, não pareceu cativar muito os alunos a descobrirem qual era o tema a ser trabalhado naquela aula. Poucos alunos tentaram responder e apenas um fez uma sugestão sobre o que se tinha passado no vídeo depois de o ver e os restantes concordaram com ele rapidamente sem tecer grandes opiniões ou comentários.

Na segunda questão: “Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos?”, a colega selecionou o nível 3 – “Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo”. Nesta questão atribuiria dois níveis, o nível 2 e o nível 3 pois, recordo-me que nessa aula alguns alunos estavam com dificuldade para se manterem atentos ao vídeo.

Na terceira questão: “Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo sem som?”, a colega selecionou o nível 2 – “Alguns conseguiram perceber o que se passava a partir das imagens do vídeo.” Concordo com o nível atribuído pois, apenas um aluno fez uma sugestão relativamente ao que se passava no vídeo e os restantes permaneceram em silêncio. Deste modo e tal como foi dito anteriormente, apenas um aluno fez uma tentativa em perceber o que se passava no vídeo e os restantes concordaram.

Na quarta questão:” Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos”, a colega assinalou o nível 3 – “Grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo”. Nesta questão selecionaria o nível 2 e o nível 3 pois penso que nem todos os alunos estavam a comentar acerca do vídeo.

Deste modo, embora inicialmente não houvesse grande entusiasmo relativamente ao vídeo, depois de este ser explicado e passado novamente com som, os alunos demonstraram mais animo e interesse.

Na quinta questão: “E relativamente à atenção?”, a colega selecionou o nível 3 – “A maior parte da turma atenta, no entanto, demora mais algum tempo para se calar”. Concordo com o nível atribuído nesta questão, mas adicionaria o nível 2 pois tal como anteriormente alguns alunos estavam com mais dificuldade em prestar atenção ao tema trabalhado em aula.

Na sexta questão: “Quando questionados sobre o vocabulário que aparecia no vídeo, os alunos eram capazes de se lembrarem do que tinha aparecido no vídeo?”, a colega selecionou o nível 4 – “Muitos conseguiram recordar-se dos edifícios e da posição dos mesmos”. Nesta questão selecionaria dois níveis, o nível 3 e o nível 4, pois alguns alunos recordavam-se dos edifícios, mas não da sua posição.

Deste modo os alunos retiveram informação que apareceu no vídeo, nomeadamente os edifícios que apareciam, muito relevante para o tema a ser tratado.

No final a colega deixou alguns comentários:

“À sexta de manhã, a turma mostra sempre uma energia mais baixa quando comparado com a aula de terça às 13h30.”

“Alguns alunos tentaram descobrir o que era o tema (alguns conseguiram descobrir).”

“À exceção do (anonimato) e da (anonimato) na questão 5”

Mais uma vez os alunos demonstraram estarem mais prostrados devido ao frio e à hora da aula e por esta razão o início da aula é sempre um pouco mais difícil. Quando pensei em utilizar o vídeo sem som pensei que por estar a retirar uma grande característica ao vídeo que se revela muito importante na aprendizagem de uma LE que isto obrigaria os alunos a estarem ainda mais atentos para perceber o vídeo. No entanto, e embora o vídeo fosse claro na sua história, a maior parte dos alunos permaneceu em silêncio, talvez por estarem ainda com frio ou com sono e o vídeo por estar sem som também não ser o mais apropriado para esse estado de espírito, ou por não acharem o vídeo interessante. Assim, perceber o estado de espírito de uma turma e como esta se comporta em determinados horários é importante para a seleção dos recursos a utilizar. Neste caso talvez teria sido apropriado um vídeo que os fizesse cantar e mexer. De qualquer forma o vídeo pareceu introduzir bem o tema em questão.

7. ATIVIDADES REALIZADAS NO ÂMBITO DO ESTUDO DE INTERESSE

Com o objetivo de perceber um pouco mais sobre a relação entre os instrumentos tecnológicos e a aprendizagem de uma LE, durante a PES integrei algumas atividades numa tentativa de retirar conclusões das mesmas. Por esta razão, acho que é de grande interesse mencionar os planos de aula de três aulas em específico onde utilizei vídeos de formas diferentes e tentei, a partir da observação de terceiros e da minha, tecer conclusões. De notar que todas as aulas aconteceram numa turma do quarto ano e foram utilizados diversos recursos para além do vídeo, nomeadamente o livro Seesaw 4º ano de Sandy Albuquerque e Susana Marques.

7.1. AULA 1

Esta aula ocorreu no dia 12 de novembro de 2019. O tema foi: The time (Unidade 1 – At School). O objetivo era: Trabalhar as diferentes partes do relógio e por sua vez as horas. Na Gramática era: Trabalhar questões como “What time is it?” (Que horas são?) e a respetiva resposta “It is ____” (São ____).

Numa tentativa de contextualizar o tema, comecei a aula por perguntar por que razão os alunos precisavam do tempo na vida deles. Algumas respostas foram: para nos organizarmos, para sabermos quando temos de vir para a escola, entre outras.

De seguida, mostrei um vídeo que para além de ter as horas, também menciona as rotinas do dia a dia. O vídeo retrata o dia a dia de uma personagem masculina que acaba por ter uma rotina muito semelhante à de muitos alunos da turma. Durante o vídeo a personagem diz as horas em que cada parte do seu dia acontece, por exemplo: “I wake up at seven o’clock in the morning” (Acordo

às sete da manhã). A frase aparece escrita no vídeo e um relógio aparece igualmente no vídeo com a hora exata. O facto de o vídeo trabalhar as horas com as rotinas, facilita a empatia que as crianças criam com o tema, sendo que muitas reveem-se no vídeo enquanto outras o questionam. Neste caso, alguns costumes, como o jantar mais cedo, mais próprios dos EUA, foram questionados pelos alunos durante a visualização do mesmo. Para além disto, os alunos conseguem ver as horas por escrito, ouvir e depois ver as horas no relógio. Este exercício é importante para introduzir o tema das horas e de como este funciona. O vídeo tem também uma música de fundo que acompanha a rotina e que acaba por tornar, de alguma forma, o vídeo um pouco mais leve. O vídeo é rápido e explícito o que facilita a sua compreensão. A voz da personagem é audível e clara o que ajuda na sua perceção. Deste modo, para além do vídeo trabalhar diversas questões importantes para a aprendizagem do tema do tempo, consegue também os demonstrar por escrito, de forma audível e ainda com os relógios.

Depois do vídeo, desenhei alguns relógios no quadro com diferentes rotinas, anteriormente mencionadas no vídeo, e questionei os alunos através da fórmula: “What time is it?” (Que horas são?). Foi explicado a existência de dois ponteiros diferentes no relógio, um para os minutos e outro para as horas e o que estes significam e fazem. Foi explicado também que em inglês falamos primeiro dos minutos e depois das horas. E por fim, dividir o relógio ao meio e explicar que este tem dois lados, o lado direito onde utilizamos o past e o lado esquerdo onde utilizamos o to.

7.2. AULA 2

Esta aula ocorreu no dia 6 de Dezembro de 2019. O tema foi: House Parts and Objects (Unidade 2 - My Community) O objetivo era: Trabalhar as diferentes partes da casa e os objetos presentes na mesma. A gramática era: Trabalhar frases do género: “There is a couch in the living room”(Existe um sofá

na minha sala de estar). Esta aula vem no seguimento de uma outra, onde o vídeo com música apresentado, já o tinha sido na aula anterior. Deste modo, o vídeo foi utilizado logo no início da aula para lembrar os alunos do vocabulário que tinha sido introduzido na última aula.

O vídeo, da personagem Rocky Says do livro *let's rock*, contém partes do vocabulário da casa que depois podem ser articulados com gestos. A música do vídeo foi feita a partir da música portuguesa bem conhecida e reconhecida pelas crianças em geral, “Minha Casinha” da banda Xutos e Pontapés. O facto de o tom da música já ser previamente conhecido pelos alunos, ajuda mais tarde na memorização do vocabulário nela presente, principalmente com a ajuda da musicalidade e da repetição constante das frases “Hey, Hey, Hey, what is this room? Can you say? Can you say? It’s a living room, now i know” (Olá Olá Olá, o que está neste quarto? Consegues dizer? Consegues dizer?). O vídeo mostra o Rocky, a personagem, em várias divisões da casa e em cada uma faz um gesto diferente.

O vídeo é, então, utilizado como introdução ao tema, fazendo a primeira parte da aprendizagem de uma LE durante a apresentação de um novo tema, a apresentação da linguagem, ou seja, do novo vocabulário. O vídeo neste caso demonstrou-se importante para a introdução de linguagem nova ser contextualizada e realista, por introduzir segmentos gramaticais como as questões, por introduzir gestos que podem ser trabalhados e que ajudam na aprendizagem e na ligação entre palavra e o que esta significa. Para além disto contém música, algo repetitiva, o que ajuda os alunos a criarem mais facilmente ligação com as expectativas que têm do vídeo.

Depois do vídeo, utilizei *flashcards* para rever o vocabulário todo e o seu respetivo significado com os gestos da música.

Por último, utilizei um calendário de advento grande com 24 bolsas, onde em cada uma delas estava inserido um objeto (por escrito) e a sua respetiva imagem, de uma das partes da casa. Este jogo funcionaria como Lead In para o novo tema a introduzir “House objects” (Objetos da casa). Isto porque os alunos têm de retirar um objeto por escrito ou uma imagem do calendário e tentar

adivinhar qual é o tema a ser trabalhado. Mais tarde, os alunos têm de ligar as imagens às palavras. Serão, então escritas frases do género “There is a _____ in the _____” (Existe um _____ no _____), os estudantes começam por colocar no início da frase os objetos em imagem ou por escrito que foram retirando do calendário de advento e devem completar a segunda parte da frase como trabalho de casa com a parte da casa onde esse objeto pertence: “There is a couch in the living room. (Existe um sofá na sala de estar)”

7.3. AULA 3

Esta aula ocorreu no dia 17 de janeiro de 2020. O Tema foi: Prepositions of Place (Unidade 2 – My Community). O Objetivo era: Trabalhar as diferentes posições. A Gramática era: Trabalhar frases do género: The cinema is in front of the supermarket (O cinema está em frente ao supermercado).

Comecei a aula por mostrar um vídeo sem som, para que os alunos tentassem perceber a história do vídeo apenas através da sua visualização. O vídeo tem uma mãe e uma filha a conversar enquanto passeiam pela cidade, a uma determinada altura a menina diz “Mom, i want some ice cream.”(Mãe quero um gelado). Enquanto diz isto, aparece um pequeno balão de fala sobre a sua cabeça com a imagem de um gelado, indicando o que a menina quer. A mãe responde: “Okay” e as duas seguem viagem para a cidade. Na cidade, a mãe pergunta “Where is the Cafeteria?”, pois este será o lugar onde se encontra o gelado. No vídeo é possível ver alguns edifícios e todos estão caracterizados de forma a percebermos com facilidade o que são. Por exemplo, a flower shop (florista) encontrava-se caracterizada com uma flor. De seguida a menina olha e diz “Is next to the flower shop” (Está ao lado da florista). Enquanto o diz, o vídeo salienta os dois edifícios com uma linha amarela à sua volta. A mãe responde “Let’s go” (Vamos) e de seguida vemos a menina a comer o gelado.

O vídeo é extremamente útil porque trabalha as preposições de espaço através dos edifícios que já tinham sido anteriormente trabalhados. Para além disto, podemos ouvir segmentos de frases com questões e respostas importantes a serem trabalhadas para o tema. O vídeo retrata bem os edifícios tornando-os de fácil identificação e salienta bem o pormenor de estarem lado a lado. É uma boa introdução para os alunos, pois estes podem retirar algumas conclusões do que veem a partir da história e de como esta se desenrola. As vozes das personagens são perfeitamente audíveis e límpidas.

De seguida, para constatar o vocabulário apresentado no vídeo, peguei nas tabuletas utilizadas na aula anterior com os diferentes edifícios, e estas transformaram-se em pequenos colares. De seguida pedi alguns voluntários, e coloquei algumas tabuletas à volta do pescoço de cada um. Deste modo, por exemplo, um aluno podia ser a livraria outro o supermercado e outro o hospital. Depois coloquei os alunos de forma a que estes fossem edifícios que estavam na cidade tal como no vídeo, lado a lado, em frente, atrás, entre outros. Deste modo, trabalhei as diferentes preposições de espaço utilizando os alunos como edifícios para facilitar a aprendizagem do espaço e de como cada edifício está relativamente ao outro.

Por último, escrevi o vocabulário no quadro com pequenos desenhos a acompanhar e os alunos anotaram tudo nos seus cadernos com os desenhos.

Em estilo de conclusão, deixo aqui o processo que aconteceu entre as diversas aulas. Na primeira aula mencionada e na segunda não existiu grande evolução entre as duas ou alteração feita. As duas foram feitas e pensadas de forma semelhante. Na aula número 3, após perceber que nas restantes aulas os alunos apresentavam facilidade em perceber os contextos apresentados nos vídeos achei importante experimentar emitir um vídeo sem som para perceber as consequências e a importância da parte auditiva na aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

8. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a recolha de todos estes dados e as conclusões que fui fazendo posso retirar determinadas inerências gerais perante o que pretendi “testar”.

Grande parte dos alunos veem vídeos em casa, em Inglês; gostam de ver vídeos nas aulas e dizem aprender melhor quando visualizam a matéria num vídeo. Muitos dizem ainda aprenderem com mais facilidade a partir dos vídeos; gostarem de utilização de diversos recursos dentro da sala de aula e dizem sentirem-se motivados ao ver vídeos nas aulas. Muitos dizem ainda que já tinham aprendido previamente vocabulário em Inglês a partir de vídeos/jogos que veem/jogam em casa. A partir destas respostas percebi que a relação que estes alunos têm com os vídeos é de grande “intimidade” e habituação. Ou seja, estes estão habituados a estes tipos de recursos pois usam-nos em casa. Deste modo, será fácil continuar a sua utilização dentro da sala de aula. Para além disto, muitos dos alunos já têm conhecimentos prévios em Inglês que retiraram desses mesmos vídeos e jogos. Deste modo, também temos de ter a consciência de não tomar a criança como uma tábua rasa sem conhecimentos prévios e em vez disso, utilizar o vocabulário já apreendido como uma ajuda dentro da sala de aula para a aprendizagem dos outros e dele mesmo.

Por terem alguma “intimidade” com estes recursos, os alunos dizem gostar da sua utilização dentro da sala de aula, o interesse parece ser uma porta aberta para suscitar a motivação nos alunos e se à partida estes já gostam destes recursos será meio caminho andado para que estes estejam motivados e atentos dentro da sala de aula.

Para além disto, muitos alunos dizem aprenderem com mais facilidade o Inglês com os vídeos o que mais uma vez ressalta uma vantagem para estes recursos.

No entanto, a motivação, o interesse e a atenção podem aparecer de forma diferente do esperado nos alunos. Embora por vezes estes pareçam estar excitados e participativos relativamente a uma atividade na aula, uma outra em

que se apresentaram mais calmos pode ser a sua favorita e aquela onde se sentiram mais atentos e motivados. Por vezes o nível de excitação dos alunos parece entrar em conflito com a sua atenção e a sua aprendizagem, nem sempre quando os alunos parecem mais excitados e contentes é quando estes aprendem mais e melhor. A competitividade acaba por demonstrar isso claramente, pois embora adorem jogos e todos queiram participar, rapidamente o jogo, por vezes, torna-se algo mais virado para o “quem vai ganhar” do que propriamente para a aprendizagem.

Mais uma vez, embora o aluno, na sua grande maioria, diga gostar de ver vídeos durante as aulas, consegui perceber que a sua utilização em todas as aulas torna a atividade aborrecida e previsível aos olhos dos alunos. A aula deve ser um momento variado e ter diversos estímulos, embora o vídeo seja um momento de atenção e motivação o interesse deste pode ficar perdido quando se torna repetitivo e sempre utilizado nos mesmos moldes ou para as mesmas atividades. No entanto, o vídeo parece surtir um grande efeito na memória dos alunos. Embora por vezes não pareçam muito interessados, os alunos conseguem memorizar o vocabulário presente nos vídeos até a aula seguinte. Embora o interesse e a memória também tenham a sua ligação a nível neurológico, a realidade é que os alunos parecem memorizar na mesma através da repetição do vídeo mesmo não demonstrando grande interesse. O vídeo pode ser estimulante o suficiente para a memória através da sua apresentação, do som, da utilização de diversas cores.

É importante perceber que a utilização do vídeo pode alterar o rumo de uma aula no que toca ao comportamento dos alunos, se for utilizado no início da aula pode até servir como um momento para os alunos despertarem (momento de *stir*), no entanto, após a sua visualização pode ser difícil acalmar os alunos pois estes podem ficar mais excitados e agitados. Deste modo, no momento seguinte devemos ter um momento de *settling* com alguma atividade mais calma.

Durante os vídeos consegui perceber que por diversas vezes o interesse dos alunos era espelhado através de questões contantes por partes dos alunos acerca do vídeo ou simples comentários. O vídeo acaba por dar espaço aos alunos para que estes vejam coisas diferentes ou iguais ao seu dia a dia e sejam confrontados

com isso e perante tal pensem e tenham as suas próprias opiniões acerca dos temas tratados em aula. Isto é algo de extrema importância estimular desde cedo nos alunos para que estes sejam ativos nas aulas e nunca tomem nada como 100% absoluto e correto.

O *Lead In* revelou-se muito importante no início das aulas para criar expectativa no aluno e curiosidade que por sua vez produz interesse.

Inserir o vídeo num contexto realista e conhecido dos alunos é importante pois, estes conseguem se identificar com os temas. Ou seja, se vamos falar sobre as cidades, devemos questionar os alunos sobre onde vivem e discutir um pouco isso e só depois avançar com o vídeo. Para além disto, durante a visualização do mesmo os alunos conseguiram perceber, quase sempre, com facilidade o que o vídeo queria ilustrar mesmo estando 100% em Inglês, no entanto, o aluno tem de fazer um pequeno esforço para juntar todas as peças do puzzle para entender o vídeo como um todo, ou seja, ver uma imagem e associar à palavra que ouvem ou que veem no vídeo. Este exercício é importante de se fazer principalmente na aprendizagem de uma LE e o facto de ser feito pelo aluno é de extrema importância pois, aprende a fazer estas ligações.

Por último, os fatores exteriores limitam e condicionam os alunos, por vezes podem vir do recreio ou de casa afetados com algo e isso vai ter uma implicação direta no seu comportamento e no seu temperamento na aula. A partir desse momento o professor deve pensar no que deve fazer, se manter o mesmo plano de aula ou adequar, utilizar um vídeo mais mexido ou uma canção se tiverem mais em baixo, ou uma atividade mais calma se tiverem mais agitados.

Assim, o vídeo é, durante as aulas e até fora delas, visto como algo positivo pelos alunos que tem consequências positivas na sua aprendizagem. No entanto, existem alguns pormenores acima mencionados que são importantes de ter em conta e que conclui através dos resultados que obtive. O vídeo é uma ferramenta poderosa dentro da sala de aula e deve ser utilizado como tal mas com calma e devoção por parte do professor pois, este não se deve tornar repetitivo e deve ter um objetivo claro a atingir durante uma aula, seja a nível do comportamento, da aprendizagem, de introduzir um tema, de introduzir uma questão, entre outros.

Considerações Finais

Comecei a investigar a relação entre a utilização dos recursos tecnológicos (mais especificamente dos vídeos) para a aprendizagem de uma LE e a capacidade de atenção das crianças partindo de questões que me foram surgindo e de experiências pessoais. No entanto, durante a pesquisa que fui fazendo percebi que a atenção não é o único fator vital para a aprendizagem de uma LE e que o vídeo detém em si diversos pontos positivos a ter em conta. À medida que fui fazendo a minha revisão literária fui retirando algumas conclusões acerca de vários temas como: a forma como a criança aprende, em geral e como aprende uma LE; as características do ensino atual; as vantagens dos vídeos; a importância da motivação, do interesse e da atenção.

Ora inicialmente, percebi que o ensino atual parece estar longe daquilo que é ideal para a forma como a criança aprende. E no que toca às TIC existem alguns problemas a enfrentar para estas poderem estar presentes no ensino de outra forma. O professor continua a ser o centro na sala de aula, continua a ser o transmissor de conhecimento e embora alguns alunos comecem a questionar o que aprendem e o porquê, nos mais novos parece haver uma figura de autoridade por parte do professor que não deve ser desafiado ou que deve ser constantemente interpelado antes de qualquer ato. O simples facto de os alunos colocarem questões como: “Escrevemos com caneta azul ou preta?” ou “É para passar para o caderno?” denota que dependem muito do professor, talvez porque este também instiga estes comportamentos ao delinear determinadas regras ou ao não dar mais liberdade em determinados momentos dentro da sala de aula. Quando os alunos chegam ao Ensino Secundário já perderam a sua autonomia e sentem-se perdidos. Muitos dizem mesmo que sentem ser difícil a tomada de decisão acerca da faculdade que podem possivelmente escolher porque tudo ou quase tudo até aquele momento foi escolhido por outros.

A escola e sala de aula continuam a apresentar limitações no que toca às suas estruturas e aos seus recursos, estas limitações acabam por delimitar de alguma forma o ensino-aprendizagem dos seus alunos. A maior parte das crianças tem atualmente Internet em casa e computador próprio, no entanto, ainda existe uma grande parte das crianças que não o tem. Mais uma lacuna, desta vez no domicílio.

No capítulo sobre como as crianças aprendem vimos que estas aprendem por si mesmas com as interações que têm no seu dia a dia e com a sua realidade. Para além disto estas parecem conseguir aprender uma LE sem aprender primeiro as regras gramaticais da mesma. Ou seja, parecem, mais uma vez, adquirir a linguagem e a aprendizagem de formas naturais. Para além disto, cada aluno é diferente e tem ritmos de aprendizagem diferentes.

Posto tudo isto, a Educação Tecnológica e o uso dos recursos tecnológicos como ferramentas auxiliares na aprendizagem de uma LE parecem solucionar algumas destas lacunas e alterar o estado do ensino atual tornando-o mais realista, “mais no momento”. A partir da utilização dos vídeos, e algo que também fui concluindo através da minha PES, consegue-se transmitir cultura, emoções, provoca-se questionamento, os alunos podem ver realidades diferentes e realidades semelhantes e iguais às deles e podem, por sua vez, criar empatia com as mesmas. Assim o vídeo coloca o aluno no centro da sua própria aprendizagem: o aluno tem de decodificar o vídeo, perceber o que se passa e como este se interliga com o tema a aprender, tem de traduzir frases e vocabulário que lá aparecem com a ajuda de gestos e figuras. Posto isto, o aluno tem de fazer um esforço adicional para aprender e o professor mantém-se como o guia que mostra o vídeo, determina a tarefa e aguarda o resultado. Para além disto, o vídeo, tal como disse anteriormente, provoca questionamento nos alunos, (e nada melhor para uma aprendizagem ativa do que questionarem-se). A desatenção como era classificada anteriormente deixa de acontecer, os alunos comentarem os temas e conversarem entre si deixa de ser algo negativo e até terem necessidade de se movimentar deixa de ser visto como hiperatividade para ser algo vantajoso:

“(...) um processo múltiplo, instável, e não como um estado a ser atingido de maneira imune às perturbações internas e externas. Seria um “vaguear” atento(...)”. (Freitas, C., e Batista, C., 2017, p.6, para.6)

Com outras ferramentas tecnológicas os alunos podem ainda fazer trabalhos de grupo, fazendo uso de ferramentas online, estando presentes na sala de aula ou não, pois podem-no fazer à distância também. A sala deixa de ser limitadora e passa a ser uma porta para novos mundos e culturas, os vídeos realistas trazem para a sala de aula aquilo que de outra forma seria difícil de ver no nosso próprio contexto. Com a Internet e com a busca pela própria aprendizagem cada aluno pode controlar o seu próprio ritmo.

Assim, parece-me que existem mais pontos positivos do que negativos nesta relação e nesta integração dos recursos tecnológicos na aprendizagem de uma LE. Esta integração é possível e alinha-se com a forma como atualmente as crianças aprendem e com recursos que estas conhecem e reconhecem como úteis e do seu interesse. Não rejeito a utilização de recursos não tecnológicos como o livro pois, estes conferem também as suas próprias características importantes. Mas vivemos num determinado momento e o ensino deve estar atualizado a cada etapa. Será mais fácil alcançar um aluno se utilizarmos a empatia e empregarmos recursos previamente conhecidos pelo mesmo. Para além disto, a Internet tem demasiados recursos vantajosos para serem desperdiçados.

Termino com uma citação já utilizada anteriormente, mas que faz muito sentido:

“A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos, e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais no identificamos, ou que se relacionam connosco de alguma forma.” (GUTIERREZ, 1978, referido em Arroio, A., e Giordan, M., p..3, para.1)

Referências Bibliográficas

ANDRADE, S., (2011). *A Importância das Canções na Aprendizagem de uma LE: Desenvolvimento da Compreensão Auditiva*. Faculdade de Letras. Da Universidade do Porto, p.16-38.

ARROIO, A., & GIORDAN, M., (2006). “O Vídeo Educativo: “aspetos da organização do Ensino”, p.1-3.

BAPTISTA, J., (1993). *A Educação Tecnológica e os Novos Programas*. Edições ASA., cap. 5.1.

FERREIRA, G., & SILVA, B., (s.d.). “Formação continuada de Professores para o uso das Tecnologias Educativas: entre a Intenção e a Execução”. IV Seminário Web Currículo e XII Encontro de Pesquisadores em Currículo, p. 575-582

FREITAS, C., & BAPTISTA, C., (2017). *A Atenção, A Infância. E os Contextos Educacionais*. Universidade Federal. Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil, p.3-8.

GUIMARÃES, P., (2013). *Aprendizagem colaborativa e cooperativa com as TIC: uma análise no contexto da PES*. II Ciclo de Estudos em Ensino de Informática. Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga Faculdade de Ciências Sociais, p.12.

JAMES, W., (1890). *Principles of Psychology*, p.917-948, (Vol I).

KING, A., (1993). "From Sage on the Stage to Guide on the Side". In *College Teaching* (Vol. 41, No. 1). Taylor & Francis Group, p.30.

KRASHEN, S., (1982). "Principles and Practice in Second Language Acquisition". University of Southern California, p.22-45.

LOURENÇO, A., & PAIVA, M., (2010). *A motivação escolar e o processo de Aprendizagem*. In *Ciência e Cognição* (Vol. 15, No.2). Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIPE), Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal, p. 133-141.

Ministério da Educação (2004). "Organização Curricular e Programas EB - 1º Ciclo". (4ª edição). Departamento da Educação Básica, p.11-131.

MORAES, C., & VARELA, S., (2007). *Motivação do aluno durante o processo de Ensino-Aprendizagem*. *Revista Eletrônica de Educação*, p.4-5, Ano 1, N° 01.

NIGORA, U., (2018). "Using Total Physical Response. In Primary School Classes". *European Journal of Research. And Reflection in Educational Sciences*. (Vol.6, No. 1), p.12. Namangan State University, English. Philology Faculty.

PINTO, A., (1997). "Cognição, Aprendizagem e Memória". Universidade Do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, p.129-131.

PROCÓPIO, R., & SOUZA, P., (2009). *Os Recursos visuais no ensino – aprendizagem do vocabulário em LE*. Universidade Federal de Juíz de Fora, Faculdade de Letras. Minas Gerais, Brasil, p.140.

Projeto Educativo – Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, Trofa, (2016).

TEIGEN, K., (1994). “Yerkes-Dodson: A Law for all Seasons”. SAGE publications, (Vol.4, No.4), p.535-540.

VAYER, P., & TRUDELLE, D., (s.d.). *Como Aprende a Criança*. Instituto PIAGET, cap.2.

Recursos Tecnológicos:

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2007). “O Plano Tecnológico da Educação”. Acedido a 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.dgeec.mec.pt/np4/243.html>

MAGRINI, M., (2019). “Cada cérebro tem de saber como funciona um cérebro”. Publico. Acedido a 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/06/28/impar/opiniao/cerebro-manual-utilizador-1877894>

Ministério da Educação e Ciência. Decreto-Lei nº22/2014. Acedido a 10 de março de 2020. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/570766/details/maximized>

Painel da Educação, (s.d.). “Atenção para Aprender”. Acedido a 21 de março de 2020. Disponível em: <https://paineldeeducacao.com.br/2017/11/08/atencao-para-aprender/>

PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2019). “Agregados domésticos privados com computador, com ligação à Internet e. com ligação à Internet através de banda larga (%)”. Acedido a 13 de março de 2020. Disponível em:

[https://www.pordata.pt/Municipios/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+\(percentagem\)-797](https://www.pordata.pt/Municipios/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+(percentagem)-797)

PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2019). “Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de Indivíduos: por sexo”. Acedido a 13 de março de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+sexo-798>

SANTOS, H., (s.d.). “Cérebro”. Acedido a 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.biologianet.com/anatomia-fisiologia-animais/cerebro.htm>

Wikipédia, (2020). “Hierarquia de necessidades de Maslow”. Acedido a 20 de maio de 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow

Wikipedia (2019). “Tecnologias na educação em Portugal”. Acedido a 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_na_educac%C3%A7%C3%A3o_em_Portugal#Projecto_MINERVA

Anexo 1

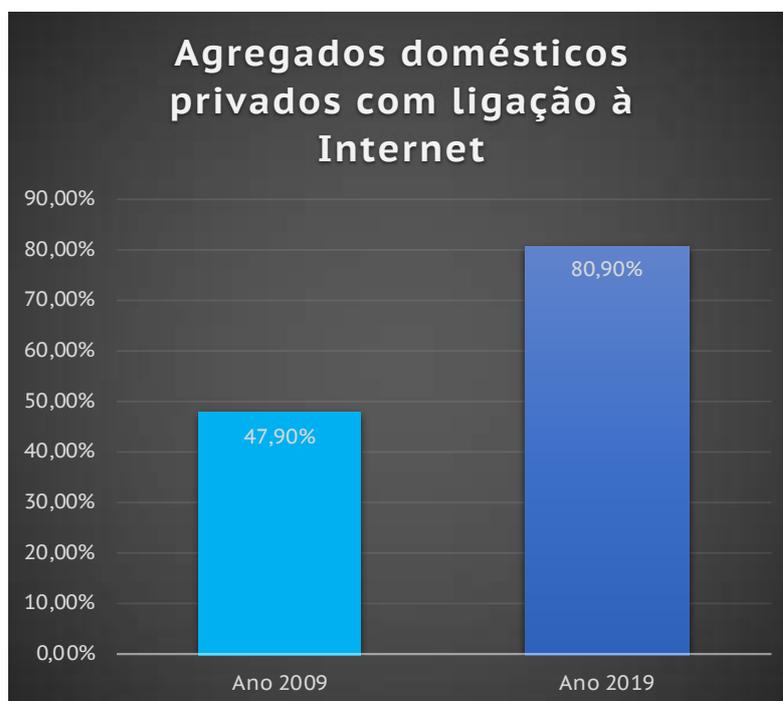


Gráfico adaptado da base de dados acerca dos Agregados domésticos com ligação à Internet *in* PORDATA, 2019

Anexo 2

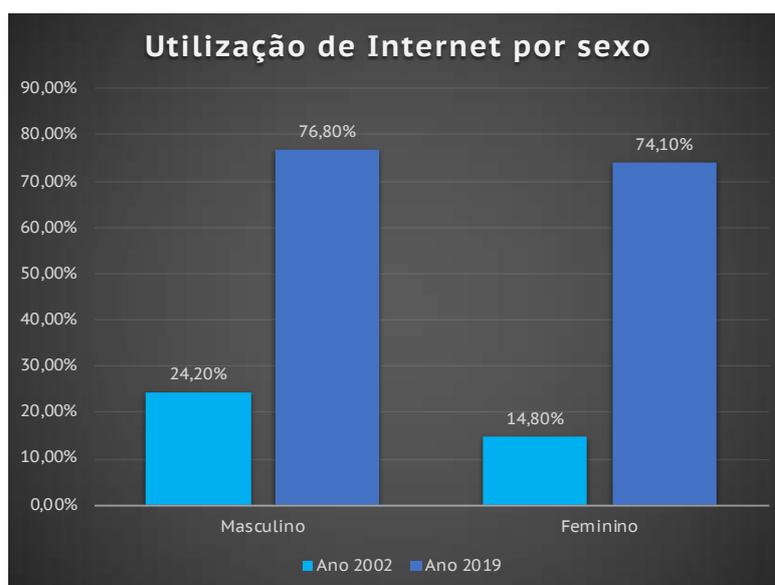


Gráfico adaptado da base de dados acerca da Utilização de Internet por sexo *in* PORDATA, 2019

Anexo 3

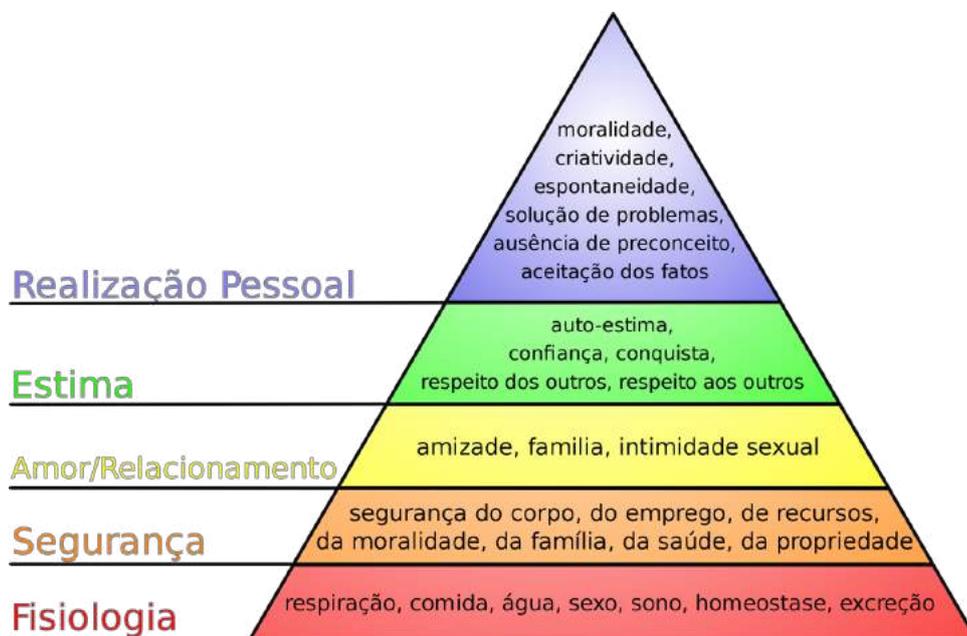


Figura da Pirâmide de Maslow: A Hierarquia das Necessidades Humanas *in* Wikipedia, 2020

Anexo 4



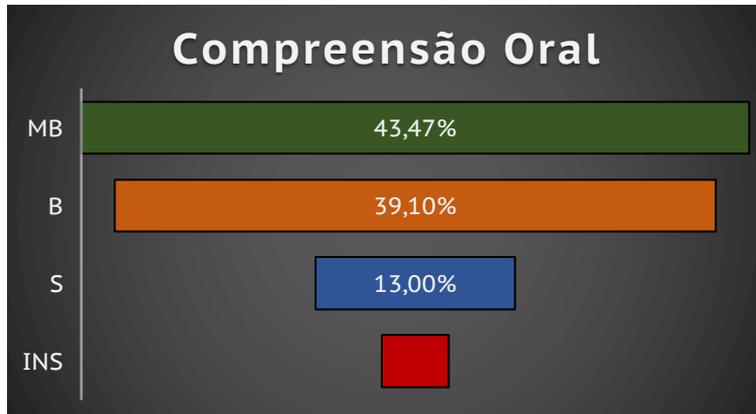
Gráfico representante das atividades produzidas na aula do dia 5 de Novembro de 2019

Anexo 5

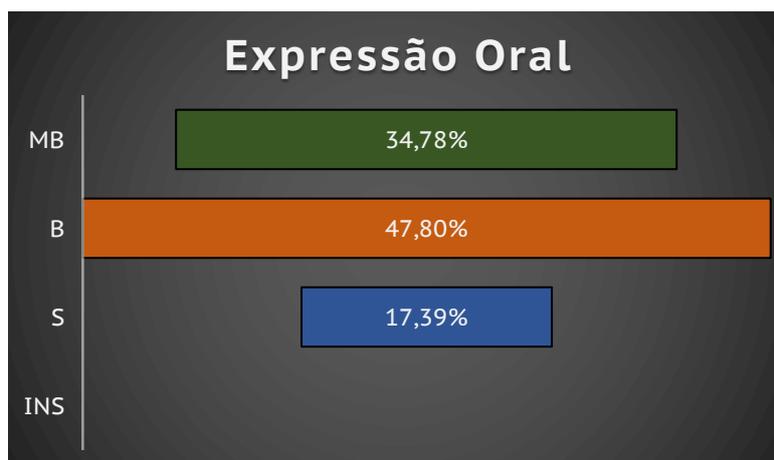


Gráfico representante das atividades produzidas na aula do dia 8 de Novembro de 2019

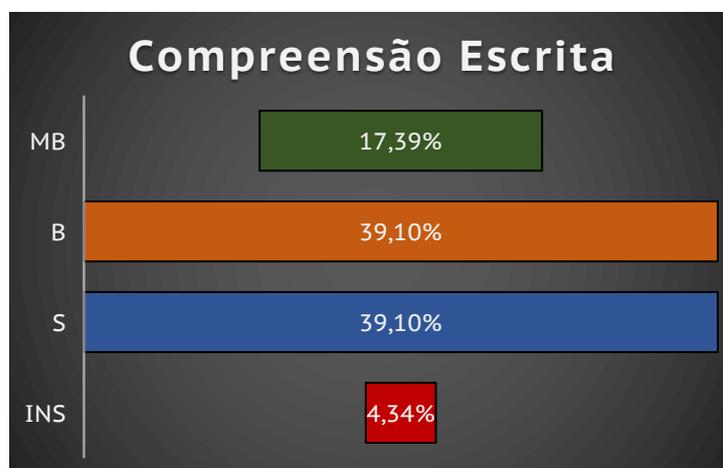
Anexo 6 – gráfico de avaliação diagnóstica 1º período:



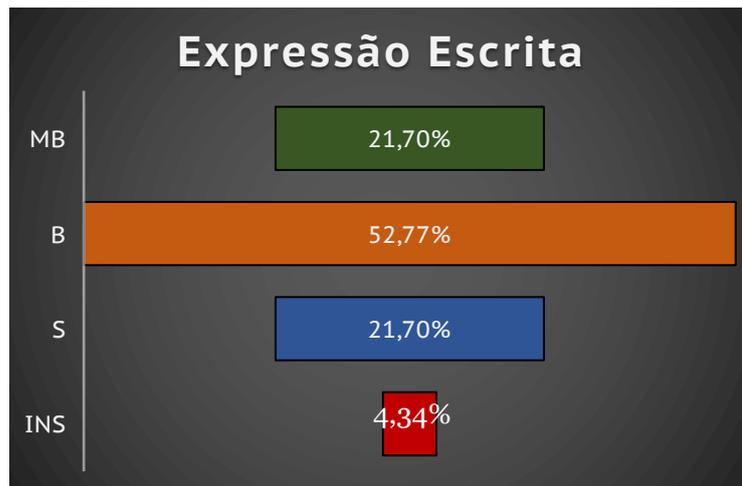
A – Compreensão Oral



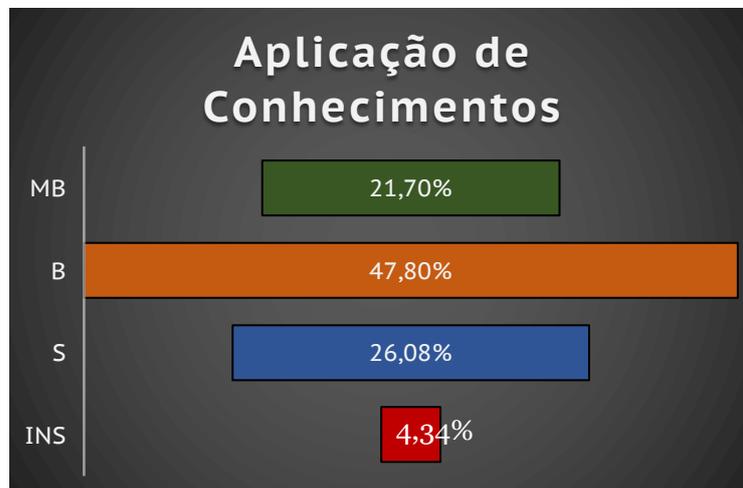
B – Expressão Oral



C – Compreensão Escrita

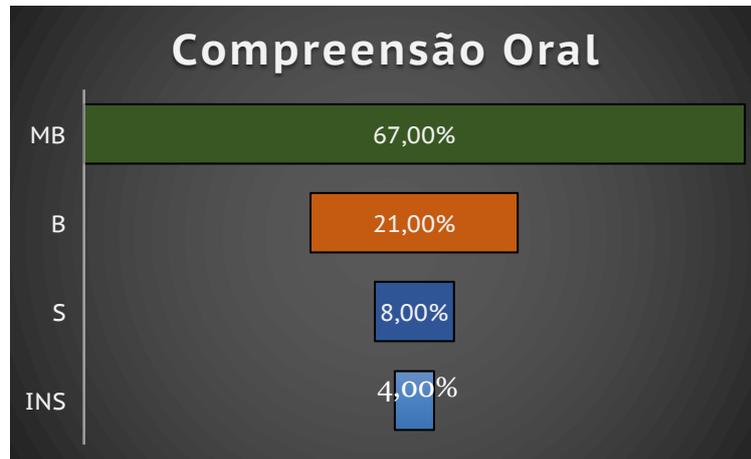


D – Expressão Escrita

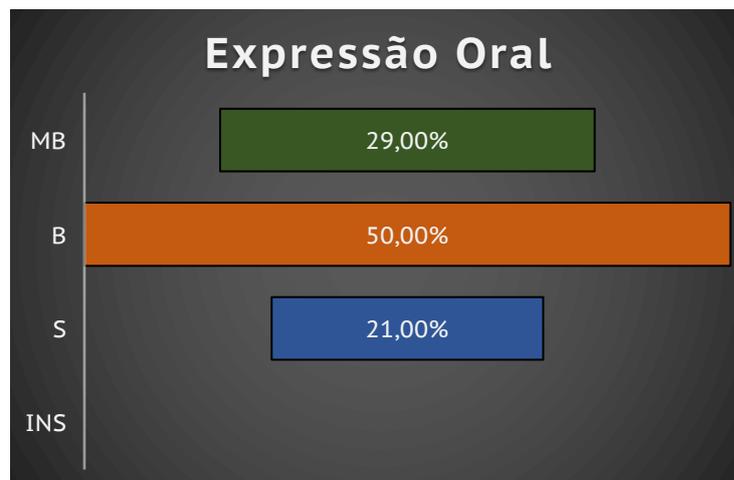


E – Aplicação de Conhecimentos

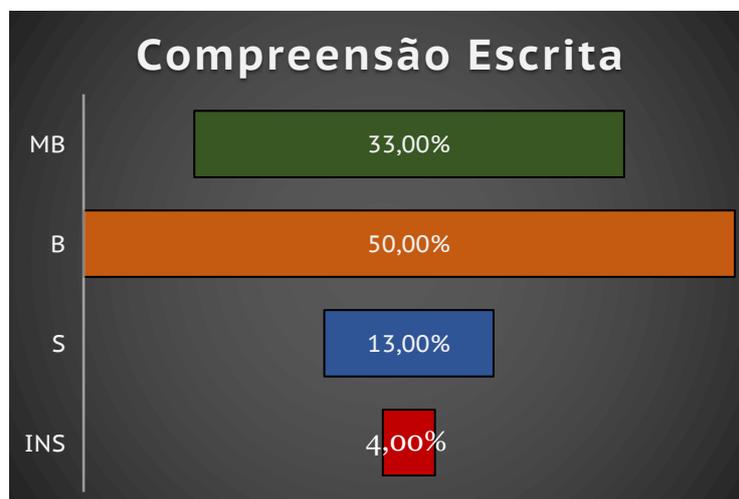
Anexo 7 – gráfico de avaliação diagnóstica **2º período**:



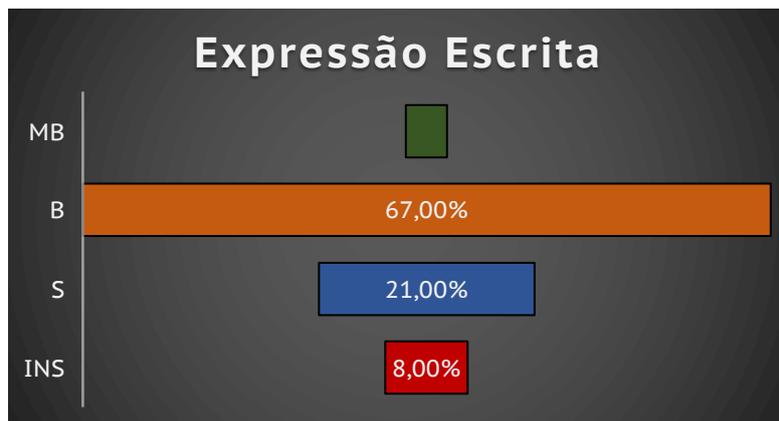
A– Compreensão Oral



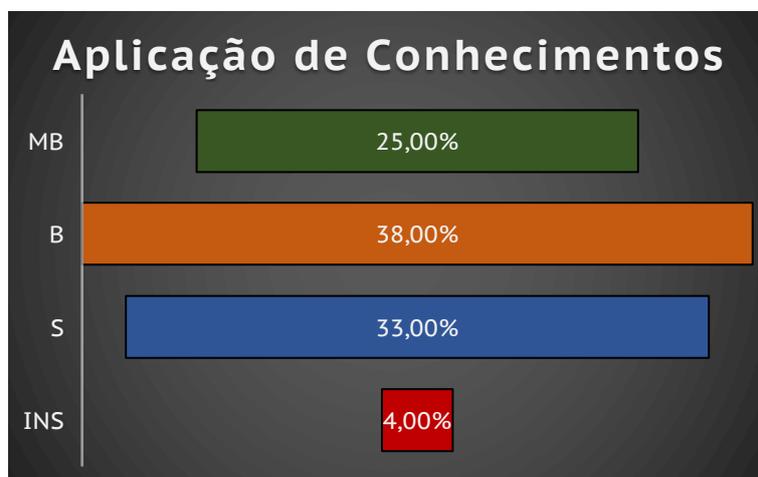
B– Expressão Oral



C– Compreensão Escrita

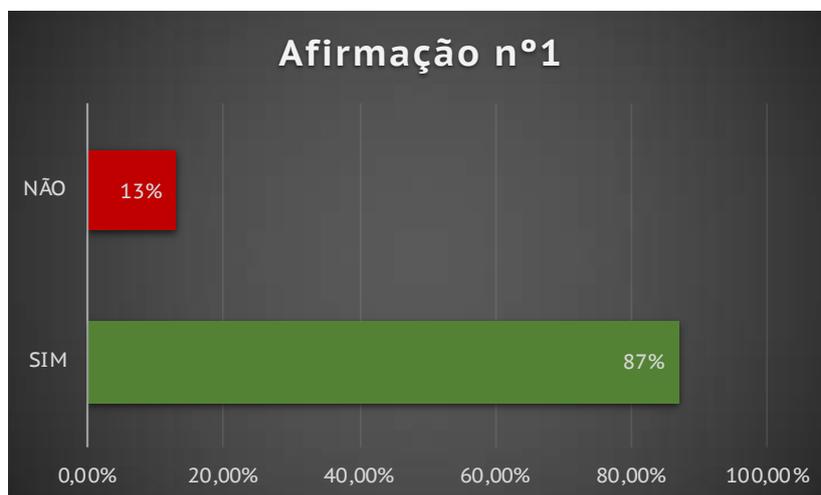


D- Expressão Escrita

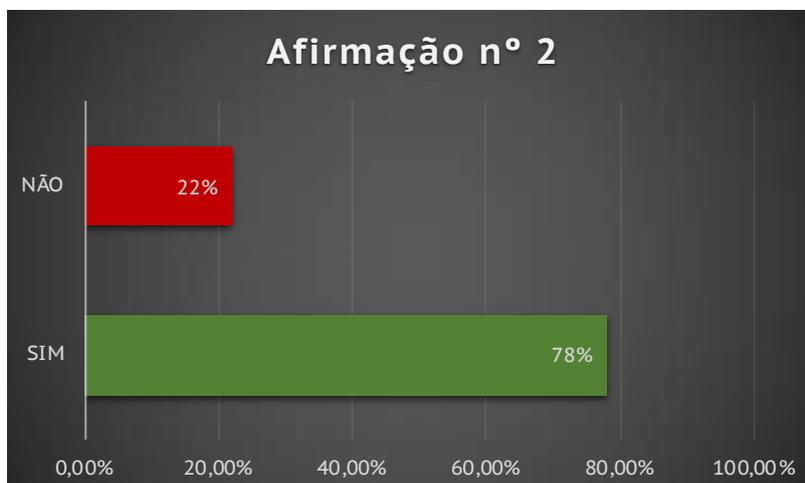


E- Aplicação de Conhecimentos

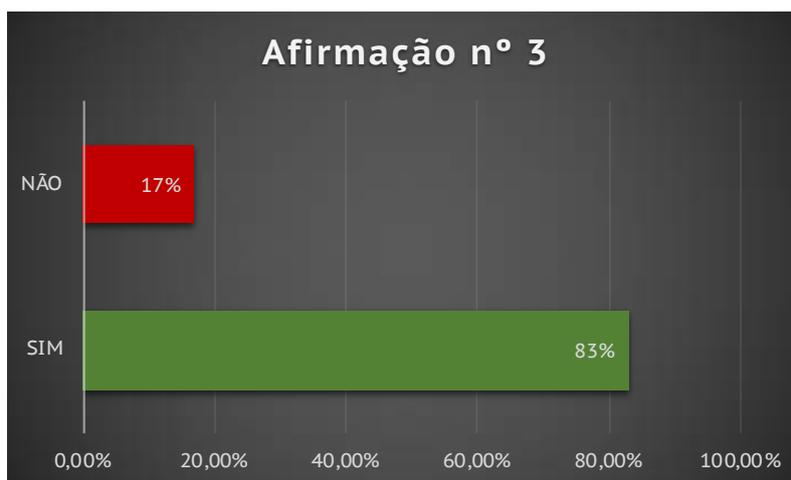
Anexo 8 - respostas dos alunos ao questionário:



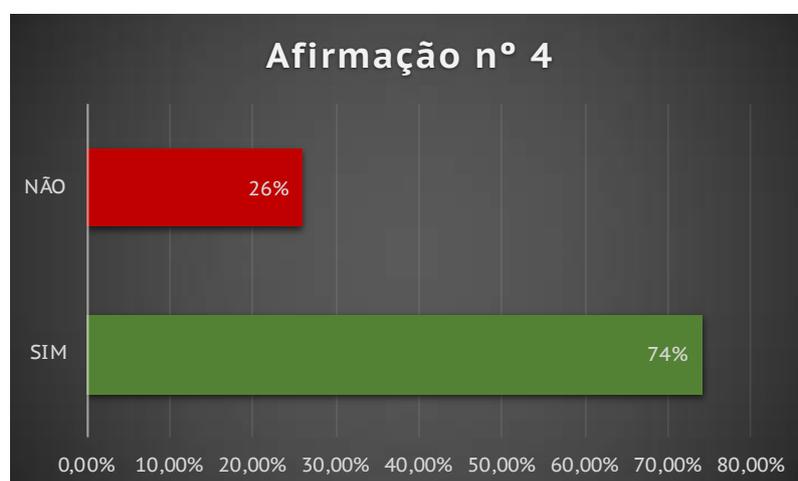
A.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº1:
“Vejo vídeos em casa”



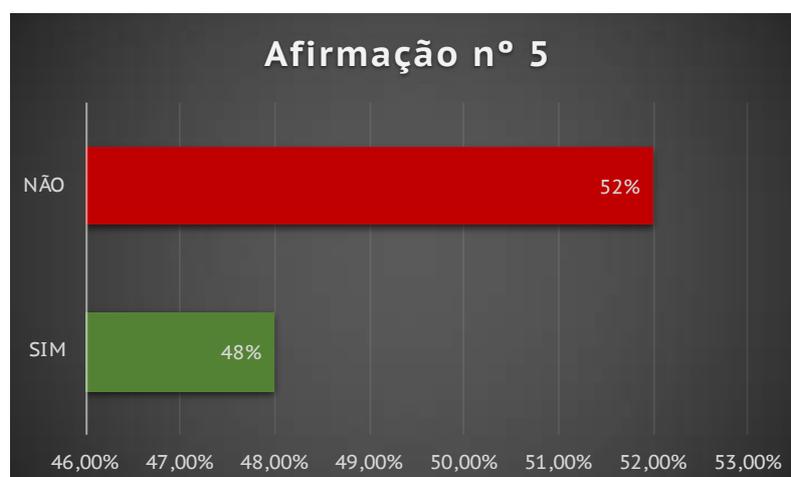
B.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº2:
“Vejo vídeos em Inglês”



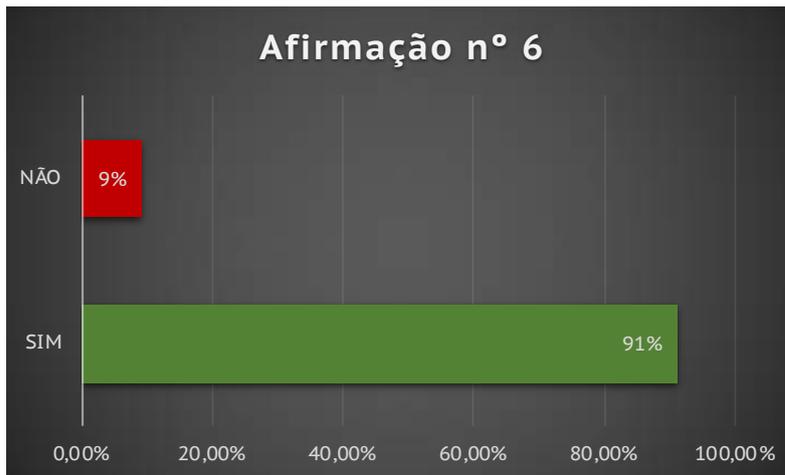
C.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº3:
“Gosto de ver vídeos nas aulas”



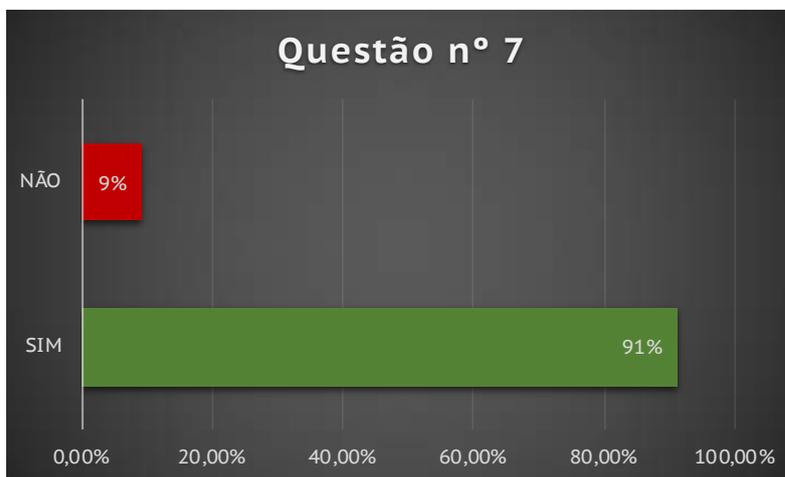
D.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº4:
“Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo”



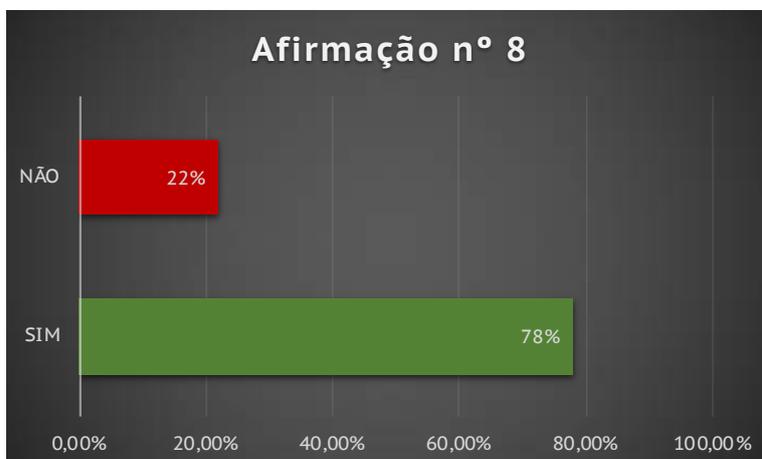
E.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº5:
“Estou mais atento quando vejo vídeos nas aulas”



F.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº6: “No final do vídeo aprendo a matéria com mais facilidade”

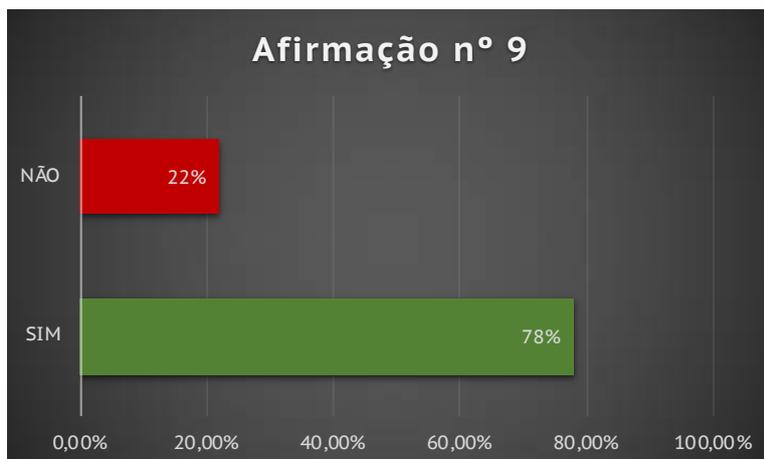


G.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº7: “Gosto que durante a aula a professora utilize vários recursos (vídeos/jogos/músicas)?”

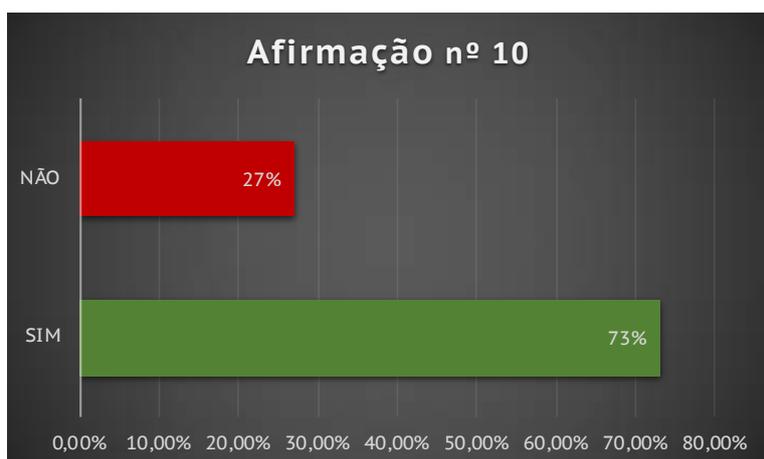


H.Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº8: “Aprendi algumas palavras em Inglês em casa a partir de jogos/vídeos em Inglês?”

Anexo 8



I. Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº9:
“Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula”



J. Gráfico da resposta dos alunos perante a afirmação nº10:
“Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula se
aparecerem no vídeo”

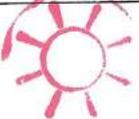
Anexo 9 – Ficha de Atividades (aula 5/11/2019)

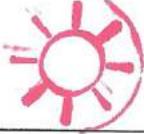
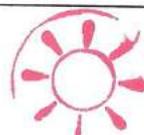
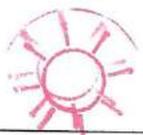
AULA 4 – SCHOOL ACTIVITIES
(dia 5/11/2019)

-Coloca uma cruz na tua atividade favorita da aula de hoje:

ALUNO	ATIVIDADE 1	ATIVIDADE 2	ATIVIDADE 3
ANONIMATO			
			
			
			
			
			
			

Anexo 9

Aluno	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
ANONIMATO			
			
			
			
			
			
			
			
			
			

Aluno	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
ANONIMATO			
			
			
			
			
			
			

Atividade 1 – Video (13)
 Atividade 2 – Jogo com os dados (5)
 Atividade 3 - Worksheet (6)

Professora Sara Vieira

Anexo 10 – Ficha de Atividades (aula 8/11/19)

AULA 5 – SCHOOL ACTIVITIES (dia 8/11/2019)

-Coloca uma cruz na atividade que menos gostaste hoje:

ANONIMATO	ATIVIDADE 1	ATIVIDADE 2	ATIVIDADE 3
			
			
			
			
			
			

Aluno	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
<div style="background-color: yellow; padding: 2px;">ANONIMATO</div>			
			
			
			
			
			
			
			
			
			

Aluno	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
ANONIMATO			
			
			
			
			

Atividade 1 – Jogo com mata-moscas

Atividade 2 – Fotos da turma

~~Atividade 3 – Frases~~

Professora Estagiária Sara Vieira

Anexo 11 – Grelha de Observação nº1

Grelha de observação
(House parts and objects)

1. Quando perceberam que a professora ia mostrar um vídeo demonstraram mais interesse e atenção?

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece motivada)	4 (grande parte dos alunos lembram-se da canção e do vídeo da última aula)	5 (máximo)

ANONIMATO

X
comentou
"outra vez!"

Motivação:

- Alunos contentes;
- Curiosos pela aula, podem mesmo perguntar o que vai acontecer na aula;

2. Durante a visualização do vídeo os alunos pareciam lembrar-se dos gestos e das partes da casa?

1 (ninguém se lembrava)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado, mas recordavam-se)	3 (Maior parte da turma atenta e sabiam os gestos)	4 (A turma parecia no geral atenta e participativa)	5 (máximo)
			X	

3. Após o vídeo os alunos estavam mais desatentos ou focados em continuar a aula?

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo)	4 (grande parte dos alunos comentam sobre as palavras que sabem do tema ou até mesmo das suas partes da casa)	5 (máximo)
		X		

Atenção:

- Se os alunos estavam calados durante a visualização do vídeo;
- Se estes conversavam seria sobre o tema do vídeo;
- Surgem algumas questões sobre o vídeo em si ou até mesmo o tema a ser trabalhado;

Comentários:

Alguns alunos acharam estranho porque a vez o mesmo vídeo, mas participaram na mesma e com mais empenho.

Assinatura da observadora:

Maria João Azevedo
(Maria João Azevedo)

Data: 6/12/2019

Turma: F4

Escola: EB 1 de Fonteleite

Anexo 12 – Grelha de Observação nº2

Grelha de Observação

1. Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece motivada)	4 (grande parte dos alunos tentam adivinhar o tema da aula a partir do lead in)	5 (máximo)
		×	×	

Grande parte da turma – pelo menos 7-10 alunos

Motivação:

- Alunos contentes;
- Curiosos pela aula, podem mesmo perguntar o que vai acontecer na aula;
- Durante o lead in estavam participativos a tentar adivinhar o tema da aula;

2. Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos:

1 (ninguém estava atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo)	4 (A turma parecia no geral atenta e participava quando a professora questionava algo durante o vídeo)	5 (máximo)
		×		

Atenção:

- Se os alunos estavam calados durante a visualização do vídeo;
- Se estes conversavam seria sobre o tema do vídeo;
- Surgem algumas questões sobre o vídeo em si ou até mesmo o tema a ser trabalhado;

3. Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo:

1 (apenas com ajuda da professora)	2 (alguns conseguiam perceber as rotinas a partir do boneco)	3 (A maior parte da turma conseguia associar o tema das rotinas e do tempo)	4 (Para além de conseguirem associar os dois temas, conseguiam identificar-se)	5 (máximo)
			X	

Interpretação do vídeo:

- Fazem comentário sobre as rotinas que tem em casa e a que horas as fazem;
- Conseguem entender frases ou ações sem a tradução da professora;
- No final do vídeo já eram capazes de responder á pergunta “So what theme are we working today?”

4. Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo)	4 (grande parte dos alunos comentam sobre as suas rotinas ou sobre o que já sabem das horas)	5 (máximo)
	X			

5. E relativamente à atenção?

1 (ninguém esta atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (A maior parte da turma atenta no entanto demora mais algum tempo para se calar)	4 (A turma parece no geral atenta e participava depois do video)	5 (máximo)
		X		

6. Quando questionados sobre as horas e as rotinas que apareciam no vídeo, os alunos eram capazes de lembrarem-se do que tinha aparecido no vídeo:

1 (ninguém se lembrava)	2 (Alguns recordavam-se das rotinas)	3 (Alguns recordavam-se da rotina e das horas)	4 (Alguns alunos eram capazes de se lembrarem da rotina e da hora correspondente a essa rotina)	5 (máximo)
			X	

Memória:

- Alunos que se recordam do vídeo e do que lá apareceu

Comentários:

1- Antes de se pôr o som do vídeo, a grande parte da turma não estava motivada; após o som, muitos mais alunos demonstraram motivados e a querer participar.

2- Eles estavam atentos ao vídeo, contudo colocavam questões constantes sobre o que se passava do vídeo (Alunos como **ANONIMATO** estavam extremamente atentos; Amicaela e o **ANONIMATO** estavam a falar nos sobre o vídeo)

Assinatura da observadora:

Maria João Azevedo

(Maria João Azevedo)

Data: 21/11/2019

Turma: F4

Escola: E B 1 de Fátima

Anexo 13 – Grelha de Observação nº3

Grelha de Observação
(AROUND TOWN)

1. Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece motivada)	4 (grande parte dos alunos tentam adivinhar o tema da aula a partir do lead in)	5 (máximo)
X				

Grande parte da turma – pelo menos 7-10 alunos

Motivação:

- Alunos contentes;
- Curiosos pela aula, podem mesmo perguntar o que vai acontecer na aula;
- Durante o lead in estavam participativos a tentar adivinhar o tema da aula;

2. Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos:

1 (ninguém estava atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo)	4 (A turma parecia no geral atenta e participava quando a professora questionava algo durante o vídeo)	5 (máximo)
		X		

Atenção:

- Se os alunos estavam calados durante a visualização do vídeo;
- Se estes conversavam seria sobre o tema do vídeo;
- Surgem algumas questões sobre o vídeo em si ou até mesmo o tema a ser trabalhado;

3. Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo:

1 (apenas com ajuda da professora)	2 (alguns conseguiam perceber as o que se passava a partir das imagens do video)	3 (A maior parte da turma conseguia perceber as frases do video)	4 (Conseguiam perceber o que se passava no vídeo a partir das imagens e do dialogo mesmo quando não traduzido pela professora.)	5 (máximo)
			x	

Interpretação do vídeo:

- Fazem comentário sobre as rotinas que tem em casa e a que horas as fazem;
- Conseguem entender frases ou ações sem a tradução da professora;
- No final do vídeo já eram capazes de responder á pergunta “So what theme are we working today?”

4. Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo)	4 (grande parte dos alunos comenta algo sobre a sua própria cidade)	5 (máximo)
		x		

5. E relativamente à atenção?

1 (ninguém esta atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (A maior parte da turma atenta no entanto demora mais algum tempo para se calar)	4 (A turma parece no geral atenta e participava depois do video)	5 (máximo)
			✕	

6. Quando questionados sobre o vocabulário que aparecia no vídeo, os alunos eram capazes de lembrarem-se do que tinha aparecido no vídeo:

1 (ninguém se lembrava)	2 (Alguns recordavam-se)	3 (Alguns recordavam-se e sabiam o significado ou tradução)	4 (Muitos conseguiram recordar-se dos edificios)	5 (máximo)
		✕		

Memória:

- Alunos que se recordam do vídeo e do que lá apareceu

Comentários:

1- Devido à ausência às 9h da manhã e estar bastante frio, foi um dos dias em que a turma se mostrou mais prostrada.

Apesar de não haver possibilidade de se terminar de ver o vídeo, os alunos mostravam-se interessados e já com alguns conhecimentos

mostraram-se bastante entusiasmados

mostraram-se com vontade de dizer o que sabiam

O facto de ter perguntado antes "o que há na aldeia/cidade" de cada um, fez com que se associassem mais ao vídeo.

Assinatura da observadora:

Maria João Azevedo

(Maria João Azevedo)

Data: 10/1/2020

Turma: F4

Escola: Fonkeleite

Anexo 14 – Grelha de Observação nº4

Grelha de Observação
(PREPOSITIONS OF PLACE)

1. Ao entrarem na sala qual é o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece motivada)	4 (grande parte dos alunos tentam adivinhar o tema da aula a partir do lead in)	5 (máximo)
	X			

Grande parte da turma – pelo menos 7-10 alunos

Motivação:

- Alunos contentes;
- Curiosos pela aula, podem mesmo perguntar o que vai acontecer na aula;
- Durante o lead in estavam participativos a tentar adivinhar o tema da aula;

2. Durante a visualização do vídeo, qual era o nível de atenção dos alunos:

1 (ninguém estava atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (Maior parte da turma atenta mesmo com conversa, embora esta fosse sobre o vídeo)	4 (A turma parecia no geral atenta e participava quando a professora questionava algo durante o vídeo)	5 (máximo)
		X		

Atenção:

- Se os alunos estavam calados durante a visualização do vídeo;
- Se estes conversavam seria sobre o tema do vídeo;
- Surgem algumas questões sobre o vídeo em si ou até mesmo o tema a ser trabalhado;

3. Os alunos eram capazes de perceber o que se passava no vídeo sem som:

1 (apenas com ajuda da professora)	2 (alguns conseguiam perceber as o que se passava a partir das imagens do video)	3 (A maior parte da turma conseguia perceber o vídeo a partir das personagens.)	4 (Conseguiam perceber o que se passava no vídeo e explicar o que estava a acontecer.)	5 (máximo)
	X			

Interpretação do vídeo:

- Fazem comentários sobre o que visualizam no vídeo;
- Conseguem entender a história do vídeo mesmo sem som;
- No final conseguem perceber o tema principal a ser estudado nesta aula;

4. Após a visualização do vídeo qual foi o nível de motivação dos alunos:

1 (pouco)	2 (alguns estão interessados)	3 (grande parte da turma parece querer comentar sobre o vídeo)	4 (grande parte dos alunos comenta algo sobre a sua própria cidade)	5 (máximo)
		X		

5. E relativamente à atenção?

1 (ninguém esta atento)	2 (Alguns falavam com os colegas do lado)	3 (A maior parte da turma atenta no entanto demora mais algum tempo para se calar)	4 (A turma parece no geral atenta e participava depois do video)	5 (máximo)
		X		

6. Quando questionados sobre o vocabulário que aparecia no vídeo, os alunos eram capazes de lembrarem-se do que tinha aparecido no vídeo:

1 (ninguém se lembrava)	2 (Alguns recordavam-se)	3 (Alguns recordavam-se do nome dos edifícios e o que estes significam em português)	4 (Muitos conseguiam recordar-se dos edifícios e da posição dos mesmos)	5 (máximo)
		X	X	

Memória:

- Alunos que se recordam do vídeo e do que lá apareceu

Comentários:

1. À medida de manhã, a turma mostra sempre uma energia mo baixa quando comparado com a aula de terça às 13h30.

4. Alguns alunos tentaram descobrir o que era o tema (alguns conseguiram descobrir).

5. À execução do

ANONIMATO

Assinatura da observadora:

Maria João Azevedo
(Maria João Azevedo)

Data: 17/01/2020

Turma: 4.º ano

Escola: EB 1 Fontelice

Anexo 15 – Questionário Final:

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês		X
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		X

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vejo vídeos em inglês	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de ver vídeos nas aulas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		X

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade		X
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		X

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vejo vídeos em inglês	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de ver vídeos nas aulas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas		X
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo		X
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade		X
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?		X
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês		X
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula		X
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		X

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	×	
Vejo vídeos em inglês		×
Gosto de ver vídeos nas aulas		×
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	×	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	/	×
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	×	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	×	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	×	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	×	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula		X
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas		X
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/músicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula		X
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula		X
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula		X
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num video	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês		X
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	X
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês		X
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	X
Vejo vídeos em inglês		X
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês		X
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês		X
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo		X
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês		X
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa		X
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?		X
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas		X
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/músicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo		X

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa		X
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo		X
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo		X
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula		X
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/jogos/cartões com imagens/músicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo		X
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa		X
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Questionário Final

Coloca uma cruz na resposta que mais se adequa a ti:

PERGUNTA	SIM	NÃO
Vejo vídeos em casa	X	
Vejo vídeos em inglês	X	
Gosto de ver vídeos nas aulas	X	
Aprendo melhor quando vejo a matéria num vídeo	X	
Estou mais atento quando vejo vídeos na aula	X	
No final do vídeo, aprendo a matéria com mais facilidade	X	
Gosto que durante uma aula a professora(o) utilize vários recursos (vídeos/ jogos/ cartões com imagens/musicas)?	X	
Aprendi algumas palavras em inglês em casa a partir de vídeos/jogos em inglês	X	
Sinto-me mais motivado quando vejo um vídeo na aula	X	
Lembro-me das palavras ou frases trabalhadas na aula com mais facilidade se aparecerem num vídeo	X	

Anexo 16 - autorização para a utilização de dados e fotos por parte do agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, Trofa

De: Geral AECC [mailto:geral@aecc.pt]
Enviada: quinta-feira, 9 de janeiro de 2020 12:28
Para: AECC - Fátima Aroso
Assunto: Fwd: Estágio curricular

----- Forwarded message -----

De: **Maria Azevedo** <>
Date: quinta, 9/01/2020 à(s) 09:13
Subject: Estágio curricular
To: <geral@aecc.pt>

Muito bom dia!

O meu nome é Maria João Azevedo e sou estagiária da professora Teresa Maia de Inglês nas Escolas do Agrupamento de Coronado e Castro, assim como a minha colega Sara Vieira.

Envio este email com o intuito de pedir a vossa excelência, autorização para usar os materiais, dados, fotografias por mim e pela minha colega recolhidos durante os meses de Setembro a Janeiro, para realizarmos o nosso relatório final de estágio. Nestes dados não constarão qualquer tipo fotografia ou nome que revele a identidade dos alunos e/ou das turmas e escolas referidas.

Muito obrigada pela sua atenção.

Os melhores cumprimentos,

Maria João Dourado de Azevedo,
Estudante de Mestrado em Ensino de Inglês do 1CEB

A quinta, 16 de jan de 2020, 17:11, Fátima Aroso <fatima.aroso@aecc.pt> escreveu:

Boa tarde Maria João,

Pode usar os materiais, dados e fotos no âmbito do seu relatório de estágio, salvaguardando a não divulgação de imagens ou dados que exponham os alunos ou docentes do agrupamento.

Com os melhores cumprimentos

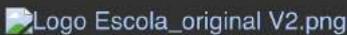
Fátima Aroso

Subdiretora do Agrupamento de Escolas de Coronado e Castro, TROFA

Rua da Costa – 4745-517 S, Romão do Coronado

Tel. 229 827 151 / 52 – Fax: 229 821 890

www.aecc.pt

Logo Escola_original V2.png

De: Maria Azevedo [mailto:mariazinhastyles@gmail.com]
Enviada: quinta-feira, 16 de janeiro de 2020 19:44
Para: Fátima Aroso
Assunto: Re: Estágio curricular

Muito boa noite,

Gostaria de saber se esta autorização também se estende à minha colega de estágio Sara Vieira?

Muitíssimo obrigada,

Maria João Azevedo

